

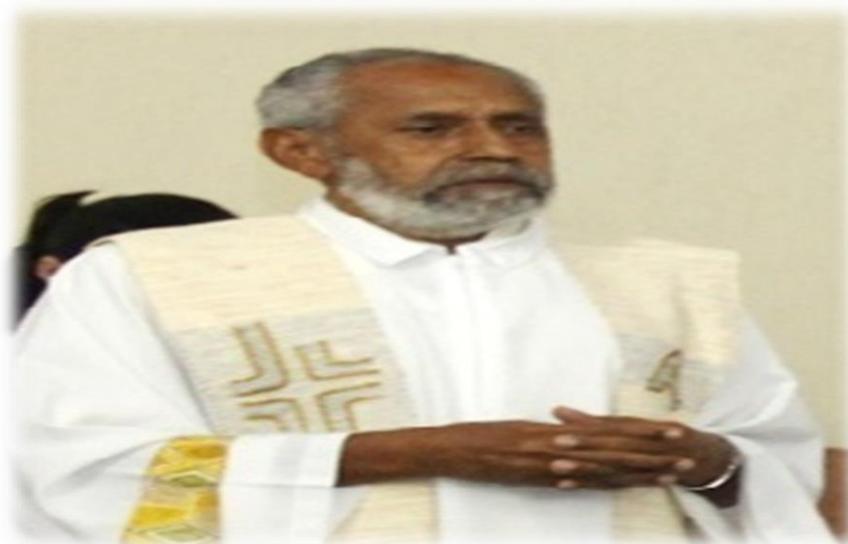


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
UNEB - CAMPUS XIV
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COLEGIADO DE HISTÓRIA

PETRÔNIO PINHO DE OLIVEIRA

RELIGIÃO E POLÍTICA NO TERRITÓRIO DO SISAL:

A trajetória de padre Elias e sua atuação na paróquia Nossa Senhora da
Conceição do Coité (2001- 2009)



Pe. Antônio Elias Souza Cedraz (2009)

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2015

PETRÔNIO PINHO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E POLÍTICA NO TERRITÓRIO DO SISAL:
A TRAJETÓRIA DE PADRE ELIAS E SUA ATUAÇÃO NA PARÓQUIA
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ (2001- 2009)**

Trabalho de Pesquisa: Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica IV.

Orientador: Prof. Ms. Igor José Trabuco da Silva

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2015

Folha de Aprovação

A Banca Examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia.

Conceição do Coité _ 29_ de _ Novembro _ de 2015

Prof. Ms. Igor José Trabuco da Silva

Adriana Silva Teles Boudoux

Marinéia Souza da Silva

Dedico este trabalho, a todos aqueles que por motivos individuais ou coletivos se empenham na luta em comunidade, sobretudo, Pe. Elias que, como tantos outros na caminhada da vida, sabem discernir os valores éticos, políticos e religiosos em vista de uma sociedade mais justa e fraterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido a graça de poder realizar este estudo, e por me dar a cada dia a fé e coragem necessárias para superar as adversidades, o gozo de com elas cumprir mais esta etapa de minha caminhada.

Aos meus pais, Valdomiro Rodrigues Oliveira e Josefa Pinho de Oliveira, pela educação que me destes, e por me incentivado e proporcionado o apoio necessário para que pudesse vencer esses períodos de meus estudos, desde minha entrada na escola primária até minha graduação. Sem eles com certeza a caminhada teria sido muito mais difícil. Junto a eles, agradeço também o carinho e apreço de todos os meus familiares, pessoas pelas quais ajudaram nas ações e pensamentos positivos que me motivaram a continuar, me fazendo crescer a cada dia. Obrigado a todos (as).

Agradeço aos meus colegas de curso, da turma 2010.2 por todos os momentos felizes e conflitantes que vivemos, mas que sempre solícitos puderam dar suas valiosas contribuições que certamente fazem parte desta construção histórica. Gostaria de lembrar aqui, minha amiga inseparável e colega de classe Eliana Mascarenhas Lima que sempre me apoiou e acompanhou durante o processo de escrita desta monografia.

Agradeço por demais ao Pe. Elias por estar sempre disponível e pelo acolhimento em sua casa quando precisava. Pela sua colaboração diante da questão levantada, como também pela confiança e por acreditar na juventude, o que ajudou muito nesse processo de participação social. Enquanto jovem que tive o privilégio de participar dos grupos e movimentos na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, sinto-me honrado. Não obstante, quero agradecer também ao Pe. Luiz Rodrigues que soube dividir comigo seu conhecimento estando sempre apostos a me ajudar.

De modo especial, quero agradecer ao professor Igor Trabuco, pela paciência e dedicação, que de modo singular auxiliou sobremaneira na qualificação deste trabalho através de precisas suas orientações, o qual sou profundamente grato. Ao senhor, toda minha admiração, sinceros respeitos e agradecimentos.

Enfim, obrigada a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, a todos os meus depoentes, aos meus amigos (as), que me não fizeram desistir, e que por isso tenho certeza que sem vocês eu não teria conseguido.

Atenciosamente meus sinceros agradecimentos!

*A emoção revolucionária [...], é uma emoção religiosa.
Os motivos religiosos se deslocaram do céu para a terra.
Não são divinos; são humanos, são sociáveis.
J. C. Mariátegui*

RESUMO

Este trabalho toma como prisma a trajetória do Padre Antônio Elias Souza Cedraz e sua atuação na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité entre os anos 2001 a 2009. Desenvolvendo um diálogo sobre as concepções de religião e política no território do sisal, busca-se perceber quais as contribuições de padre Elias para o contínuo processo de formação religiosa, política e social já iniciado na paróquia desde a década de 90, após a chegada do padre Luiz Rodrigues Oliveira. Os trabalhos que foram desenvolvidos na região são referências cruciais neste aspecto peculiar na história Política e Religiosa do catolicismo em terras sisaleiras. Dessa forma, abordagem aqui realizada perpassa por alguns pontos cruciais das manifestações e dos movimentos sociais realizados pela Igreja de Coité no período estudado, tal como algumas características das CEBs na Paróquia e sua perspectiva sobre possíveis aspectos da Teologia da Libertação. O processo de mudanças significativas na Igreja de Coité, que foi ocorrendo a partir da chegada do padre Luiz Rodrigues Oliveira em 1989, quando ele começou a traçar novos rumos na paróquia, tomando direções contrárias diante da situação política e religiosa em que se encontrava a Igreja local e a sociedade coiteense da época. A análise sobre a atuação de padre Elias perpassa por diversos caminhos que tratam de sua participação social, tanto na sua trajetória de vida, quanto do período em que acompanhou junto com Pe. Luiz o processo de conscientização política, sobretudo, quando esteve a assumir a paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Coité.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja, Religião e Política, Pe. Elias, Trajetória, Sociedade.

ABSTRACT

This work takes as press the trajectory of Father Antonio Elias Souza Cedraz and its activities in the parish of Our Lady of the Conception Coité from 2001 to 2009. Developing a dialogue on conceptions of religion and politics in sisal territory, seek to realize which Father Elias contributions to the ongoing process of religious background, political and social already started in the parish since the 90s, after the arrival of Father Luiz Oliveira Rodrigues. The works that have been developed in the region are crucial references in this peculiar aspect of Political and Religious History of Catholicism in sisaleiras land. Thus, approach undertaken here permeates some crucial points of the demonstrations and social movements made by Coité Church during the study period, as some characteristics of CEBs in the parish and their perspective on possible aspects of liberation theology. The process of significant change in the Church of Coité, which was taking place from the arrival of Father Luiz Rodrigues Oliveira in 1989, when he began to plot new directions in the parish, taking opposite directions on the political and religious situation he was in the Church Local and coiteense society of the time. The analysis of the priest acting Elias permeates many ways that address their social participation, both in his life story, as the period that followed along with Fr. Luiz the political awareness process, especially when he was the assumed Parish of Our Lady of the Conception Coité.

KEYWORDS: Church, Religion and Politics, Father Elias, Trajectory, Society.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO I | |
| 1. ATUAÇÃO DE PADRE ELIAS NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ | 15 |
| 1.1 – A trajetória de “um caminheiro do sertão”..... | 15 |
| 1.2 – A chegada dos padres em Coité: De Luiz para Elias..... | 25 |
| 1.3 – O discurso intelectual do padre Luiz..... | 31 |
| 1.4 – A presença de padre Elias nos movimentos sociais de Conceição do Coité..... | 34 |
| 1.5 – Semana da Cidadania e o Grito dos Excluído em Coité: espaços de socialização..... | 38 |
| 1.6 – As contribuições de padre Elias para Igreja de Coité..... | 42 |
| CAPÍTULO II | |
| 2. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL E SUA INFLUÊNCIA NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ | 49 |
| 2.1 – Características das CEBs na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité e a perspectiva da Teologia da Libertação..... | 54 |
| 2.2 – A participação política da Igreja de Coité através das lideranças religiosas..... | 62 |
| 2.3 – Novos Carismas na Igreja Católica de Coité..... | 68 |
| 2.4 – Pe. Elias: na fé e na política..... | 75 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| FONTES | 79 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 80 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a trajetória do Padre Antônio Elias Souza Cedraz e sua atuação na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité entre os anos 2001 a 2009. Tendo como principal objetivo perceber quais as contribuições do clérigo para o contínuo processo de formação religiosa, política e social já iniciado na paróquia desde a década de 90, após a chegada do padre Luiz Rodrigues Oliveira.

Tomando como prisma Pe. Elias, nosso ponto de partida é tê-lo como fio condutor de uma investigação mais aprofundada sobre o papel do religioso e do político e suas implicações na sociedade coiteense. Pois, como afirma Pierre Bourdieu, “o uso do gênero biográfico na pesquisa implica para o historiador, o fator histórico da pesquisa; é dever deste fazer suas considerações de acordo com as análises que ele faz sobre suas fontes, serão elas que darão credibilidade à pesquisa”.¹ Dessa forma:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.²

Para o historiador, a complexidade de se narrar uma biografia está no cuidado para não fugir de seu teor historiográfico. Num dado período, a preocupação em dar um desfecho à história, também é uma concepção de escrita biográfica, ou seja, o que Bourdieu vai chamar de “A ilusão biográfica”. Para Bourdieu não há uma fórmula coerente única, voltada para o campo historiográfico, elas trazem algumas diferenciações bastante relativas, no que diz respeito a: “proibição do recurso à ficção por questões metodológicas e a busca de trazer à tona toda a complexidade tanto do sujeito quanto de seu contexto, assim como suas contradições”.³

¹ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, /coordenadoras. **Usos & abusos da história oral**. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, (Cap. 13) p. 183. Apud Bourdieu, Pierre. **L'illusion biographique**. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62/ 63): 69-72, juin 1986.

² Ibidem

³ PIMENTA, Everton Fernando. **O ressurgimento do gênero biográfico na história: definição e questionamentos**. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) 2002, p. 06 apud BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.183.

Portanto, o que faremos aqui não trata de dar conta de um relato completo sobre a vida do padre Elias, mas buscar percorrer os caminhos de uma atuação diferenciada tanto no campo religioso quanto no político.

Outros trabalhos regionais são referências cruciais neste aspecto peculiar na história Política e Religiosa do catolicismo em terras sisaleiras. Verifica-se essa forte ligação da religião com a política na região, nos estudos realizados por Marinélia Sousa da Silva sobre as “concepções de política dos moradores de Riachão do Jacuípe – BA” – a autora trata dos conflitos ocorridos na cidade na década de 1990, quando padre Silvino foi pároco na paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Jacuípe. Segundo Silva, baseando-se na Doutrina Social da Igreja, “a evangelização libertadora praticada pelo padre Silvino, sua opção preferencial pelos pobres e a defesa de uma justiça social incomodou e aborreceu muitos jacuipenses, sobretudo políticos que, há três décadas no poder, estavam acostumados a terem os padres como aliados”.⁴

Tais concepções também podem ser notadas, nos trabalhos de Cristian Barreto de Miranda sobre conflitos na Igreja de Conceição do Coité na época que padre Luiz foi pároco da paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, e que. “... por adotar uma postura de contestação, de denúncia das irregularidades da administração municipal foi alvo de alguns processos e hostilidades pelos chefes políticos locais”.⁵

Estes autores nos ajudam a entender sobre os comportamentos políticos e religiosos da época, entendendo que a relação entre política e religião já fazia parte de um universo conflituoso entre as pessoas. Tais estudos servem como fonte bibliográfica sobre a história política e religiosa da cidade, além de trazer uma considerável variedade de fontes histórica que viabilizam a pesquisa e o debate sobre o tema.⁶

A metodologia empregada nesta pesquisa caminhará sobre a análise das mais variadas fontes, tanto orais, quanto bibliográficas. Através do auxílio da história oral (entrevistas) obtém-se uma grande quantidade de informações importantes dos principais sujeitos da

⁴ Cf. SILVA, Marinélia Sousa da. **“Padre não deve se meter em política?”: Conflitos de política e religião em Riachão do Jacuípe nas últimas décadas do século XX/** Marinélia Sousa da Silva. - Salvador: Dissertação de Mestrado em História. UFBA, 2005, p. 07.

⁵ Cf. MIRANDA, Cristian Barreto de. **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à UNEB-Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, p. 05.

⁶ _____ . **Igreja, Relações de Poder e Conflito no Território do Sisal.** Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. (UFBA) Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, pp. 18.

sociedade católica coiteense; como, funcionários da casa paroquial, animadores de grupos e comunidades, e pessoas influentes, que de alguma maneira vivenciaram este período de transição na paróquia.

Segundo Marieta Morais Ferreira e Janaína Amado “a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente” – Onde querendo responder aos problemas recentes – “os historiadores do político construíram a vanguarda da história do presente”.⁷ Como evidencia Thompson “os próprios fatos dão condições viáveis para que o historiador encontre novos problemas para a pesquisa na produção sociológica contemporânea ou novos modos de abraçar velhos problemas”.⁸ Assim,

[...] ao se valer de fontes orais e entrevistas, o historiador obterá um ato de rememorar parcial e mítico da fonte. No entanto, há de se observar que tais preconceitos perderam força e a história oral já ocupou seu lugar na historiografia atual, sendo encarada por alguns acadêmicos não apenas como uma via alternativa, mas como uma metodologia da história.⁹

A História Oral aparece como método preferencial para esta pesquisa por entender o tamanho de seu valor, tanto no cruzamento com outras fontes escritas, quanto no diálogo com as principais obras de diversos autores que se dedicam a pesquisar as questões que englobam tanto o político, quanto o religioso.

Quanto às fontes escritas, como; Jornal “*O Mensageiro*” e o Livro de Tombo da paróquia trazem um rico conteúdo que permite novas análises e perspectivas sobre o tema em questão, e que ajudam a entender os acontecimentos ligados a paróquia. Além de um vasto arquivo audiovisual (VHS e DVD) que narram o cotidiano dos paroquianos, nos movimentos sociais e nos acontecimentos marcantes promovidos pela paróquia neste período. Como também a Revista Arquidiocesana “*Igreja, Vida e Missão*” de Feira de Santana (2011), que mostra uma breve abordagem sobre a participação da Igreja Católica do Brasil no meio político, e a aceitação dos fiéis a essa prática.

Roger Chartier esclarece que é importante “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Assim, Chartier

⁷ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais, /coordenadoras. **Usos & abusos da história oral**. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 14-15.

⁸ THOMPSON, E. P. **Folclore, antropologia e história social**. In: NEGRO, Luigi Antonio, SILVA, Sergio (Orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001, p. 191.

⁹ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais. Ver Apresentação. In. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp. 07-25.

vem sustentar que a escrita da história deve ser entendida como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.¹⁰

Aline Coutrot analisa que “as ligações mais íntimas entre religião e política durante muito tempo foram desprezadas pela história do político [...]”¹¹ Tal desprezo se deu muitas vezes devido ao tempo em que as concepções historiográficas primavam por uma construção objetiva dos fatos históricos. Mas, a partir da *Escola dos Annales*, passou-se a desconstruir tal concepção historiográfica.

Assim, é o estudo sobre o sujeito que determina o entendimento das ações dos diversos grupos e movimentos. Thompson já priorizava suas análises a partir do sujeito histórico, da história da “gente comum”, a chamada “história vista de baixo”. Para Aline Coutrot: “‘o cristão qualquer’ se tornou tão digno de interesse quanto aos bispos e ordens religiosas”. E acrescenta: “A história religiosa não é mais estritamente eclesiástica ou apologética, ela se estende a todos os domínios da vida religiosa e de suas expressões culturais e sociais, apreende a permanência e a mudança da Igreja numa sociedade em transformação”.¹² Nesse sentido, embora se queira separar as duas coisas, “a religião continua a manter relações com a política, amplia seu campo de intervenção e diversifica suas formas de ação, de tal forma que o assunto é de grande atualidade”.¹³

No Capítulo I, apresentaremos o padre Antônio Elias Souza Cedraz, através de uma análise biográfica sobre o mesmo, apontando alguns pontos de sua trajetória, como sua iniciação escolar, sua preparação e entrada no seminário, sua iniciação na vida religiosa, sua formação acadêmica e sacerdotal, sua visão de mundo, e os ideais sociais defendidos pelo mesmo. Em seguida trataremos um pouco sobre alguns pontos importantes do período de atuação de Pe. Luiz Rodrigues como pároco de Coité, pois, no momento em que resultou o desligamento da Igreja* local com o poder público, iniciava aí um novo tempo na igreja** de Coité, onde se verificou uma maior participação social do povo.

¹⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990, p.17.

¹¹ COUTROT, Aline, **Religião e Política**, do livro (*Por uma história Política*) Org. René Remond, 2003, p. 331.

¹² Idem, p. 335.

¹³ Idem.

*Quando aparecer Igreja com “I” maiúsculo, refere-se à Instituição Eclesiástica.

**Quando for igreja com “i” minúsculo entende-se enquanto povo que se reúne.

Posteriormente trataremos da presença de padre Elias e sua atuação político-social na comunidade local, a partir das pastorais e do apoio aos movimentos sociais, no sentido de sensibilizar a sociedade coiteense para os problemas sociais.

O capítulo II tem a finalidade de tecer algumas considerações acerca da participação política e social da Igreja Católica no Brasil, e a partir disso buscar entender a participação política da Igreja de Coité, no momento em que padre Luiz e, principalmente padre Elias aparecem como sujeitos que buscaram interagir não só com a comunidade católica, mas, com a sociedade coiteense. Depois será feito um breve esclarecimento sobre o aspecto das CEBs em Coité, tal como suas características, a fim de perceber possíveis traços com a chamada Teologia da Libertação, e se ela, através desses padres pode influenciar sobre as ações na paróquia de Coité.

Para tanto, serão levantadas as questões referentes às orientações do Concílio Vaticano II, e do CELAM (Conferências Episcopais Latino-americanas), que desempenharam um papel importante para uma participação mais efetiva da Igreja, no apoio aos mais fracos com a sua “opção preferencial pelos pobres”. A partir daí busca-se perceber como as Igrejas na América Latina procuraram aplicar as diretrizes do Concílio Vaticano II em sua ação evangelizadora. Aqui no Brasil a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) formou fileira com esses postulados para muitos considerados revolucionários e programou aquilo que seria denominado Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Dessa forma, levando em consideração as ações das lideranças religiosas, (padres, bispos, freiras, e cristãos engajados) se discorre sobre o que levou estes sujeitos a assumirem um compromisso com o social, e, de que maneira suas ações foram capazes de alterar a ação evangelizadora da Igreja no Brasil.

Por fim, abordaremos sobre essa problemática que gira em torno da relação religião/política, a partir da análise sobre os novos setores da Igreja Católica no Brasil, tal como, suas prováveis inquietações, *encantos e desencantos* causados nas pessoas. No cerne destas questões, busca-se perceber quais os mecanismos de influencia foram introduzidos na sociedade coiteense, verificando-os nos acontecimentos públicos, nas manifestações socioculturais promovidos pela comunidade local. Nesse sentido, trataremos de Pe. Elias que, de modo mais flexível procurou trazer para as comunidades a necessidade de se vivenciar a prática da cidadania, e para isso não deixou de lado o aspecto político, envolvendo nesse contexto o aspecto religioso.

CAPÍTULO I

1. ATUAÇÃO DE PADRE ELIAS NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ.

A atuação de padre Antônio Elias Souza Cedraz na paróquia de Conceição do Coité começou a ganhar corpo na medida em que foi sendo inseridas mudanças significativas na Igreja local, até então promovidas pelo pároco Luiz Rodrigues Oliveira. Tais modificações se deram não só na parte administrativa paroquial, mas, sobretudo, em vista de uma nova evangelização voltada para três pilares fundamentais das ações pastorais: a *formação cristã* no campo religioso, no político e no social. Nesse sentido, a atuação de padre Elias em Conceição do Coité, parte deste princípio, e foi o resultado de um contínuo processo de conscientização social já instaurado na paróquia pelo Pe. Luiz Rodrigues a partir de sua chegada em 1989.¹⁴

Padre Elias se insere neste contexto de transições e transformações na Igreja de Coité, sobretudo na maneira de evangelizar, o trabalho que desenvolveu visava uma igreja local mais politizada. Com um trabalho pastoral voltado para as bases, a relação entre o religioso e o político visava uma politização dos fiéis na paróquia. Portanto, perceber como isto se configurava no cenário religioso coiteense torna-se relevante para o conhecimento histórico. Dessa forma, enfatiza-se a atuação de padre Elias entendendo-a enquanto processo contínuo na formação das lideranças, grupos e comunidades de base, tendo em vista uma vivência cristã mais atenta para as questões sócio-políticas.

1.1 – A trajetória de “um caminheiro do sertão”.

Antônio Elias Souza Cedraz cresceu em meio a inúmeras dificuldades e, como a maioria dos sertanejos pobres do nordeste brasileiro sentiu o peso de uma forte desigualdade social que, naquele período se intensificava no país. Sua trajetória de vida traz o perfil do homem do campo, que trilhou os caminhos do sacerdócio, mas não se desvinculou da simplicidade característica do autêntico nordestino.

¹⁴Cf. MIRANDA, Cristian Barreto de. **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à UNEB-Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, 77pp.

Nasceu em 20 de julho de 1944, na fazenda Caiçara, no atual Distrito de Juazeirinho, do município de Conceição do Coité. “Por ser o ultimo dos quatro irmãos e seu pai ter investido todo o recurso financeiro que dispunha com os mais velhos, ao pequeno Elias coube cursar apenas até a 4ª série primária e parar os estudos, como a grande maioria da população fazia na época”.¹⁵

Muito católicos, seus pais, lhe deram uma educação favorável à doutrina religiosa, e mesmo sentindo os impasses para seguir nos estudos, a vontade de ser padre fez com que Elias continuasse buscando uma oportunidade para crescer na vida. Naquela época, as oportunidades eram ainda mais escassas, e as influências políticas se faziam muito presentes de modo direto na sociedade. Como por exemplo, o ingresso de alunos em colégios de padres pelo Brasil. O jovem Elias foi mais um que obteve a chance de estudar num destes colégios. – “Na época o colégio dava bolsas a determinados alunos, e ele foi uma das pessoas, dos alunos que ganhou esta bolsa”.¹⁶

Nesse sentido, podemos dizer que seu ingresso no colégio de padres se deu necessariamente por influencia política, pois o próprio padre Elias numa missa celebrada na Igreja Matriz de Coité confirma que “foi por intermédio de um Deputado, Manoel Novaes, auxiliado por Deda Ramos”¹⁷ um político coiteense, que ele conseguiu a bolsa de estudos no Colégio interno do Salesiano em Salvador. Acrescentou ainda que, “... a bolsa não dava tudo, a outra metade era completada pelo trabalho da gente [...] no salesiano, tinha várias oficinas e a única que tinha vaga era alfaiataria e eu fui lá aprender a costurar”.¹⁸

A internação se dava mediante a aprovação do aluno com um exame de admissão, Elias teria feito este exame e conseguiu ingressar, o que foi no primeiro momento desacreditado por seu pai, que ele permanecesse interno, pois, por saber que Elias gostava muito de festa, não acreditava que ele realmente ficasse por lá. “A fama por gostar de festa já está esparramada por todo lugar que eu vou! E eu não nego isso pra ninguém, e muito pelo contrário de ter vergonha disso, eu fico é garantindo esse elogio”.¹⁹

A fama por gostar de festa do padre Elias mostra um aspecto muito peculiar na sua trajetória. Apesar de querer mostrar sempre sua fidelidade à Igreja, e nunca se desviou disso.

¹⁵PASTOR, Antônio Sérgio, **Um caminheiro do sertão**. Perfis do semiárido: livro – reportagem/ Organizado por Nísia Rizzo de Azevedo. – Salvador: EDUNEB, 2010. P. 103.

¹⁶Documentário, “**Um Caminheiro do Sertão**” **Um documentário da vida e trajetória de Padre Elias Cedraz**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgQ8UlpJrLw> acesso em: 03/06/2015.

¹⁷Idem.

¹⁸Entrevista concedida pelo padre Elias em 27 de maio de 2013.

¹⁹Documentário, “**Um Caminheiro do Sertão**” **Um documentário da vida e trajetória de Padre Elias Cedraz**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgQ8UlpJrLw> acesso em: 03/06/2015.

Padre Elias no seu jeito e atitudes parece que foge dos padrões eclesiásticos. Despojado, não usa batina, a não ser nas celebrações litúrgicas da Igreja. Seu gosto pela música nordestina (forró) fez promover vários eventos de cunho cultural, como o “Forrozão Comunitário” que se tornou tradição na paróquia. Sua participação junto à cultura popular sempre marcada pelo apoio aos grupos artísticos e culturais nos eventos paroquiais, como a festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, e o Grito dos Excluídos.

Na época de sua formação sacerdotal, no seminário, o trabalho desenvolvido pelos salesianos se dava no sentido mesmo de uma formação profissional docente dos seminaristas, a partir de grupos de jovens, que “se chamavam de companhias, que é uma tradição salesiana que veio da Itália, remonta a Companhia de Jesus, da Ordem dos Jesuítas”.²⁰ No final do estudo secundário Elias ingressou no seminário do Salesiano em Carpina, Pernambuco, no ano de 1961, e foi no seminário salesiano que Elias concluiu o curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, era um suporte oferecido pela congregação no sentido dar novas opções para os internos.

A visão do Salesiano era esta: se deixar o seminário tem do que sobreviver [...] Estando formado em Letras, no meu caso [...] minha vida no tempo de Salesiano era ensinar – Além de lecionar tinha também outras atividades durante as férias que eram programadas para os seminaristas.²¹

Durante os cursos de férias, a partir de uma semana vocacional com o grupo de vocacionados, os seminaristas faziam atividades ligadas a diversos colégios pelo nordeste. Foi neste período de formação no seminário que Elias juntamente com os salesianos começou a alfabetizar os cortadores de cana da cidade de Carpina-PE, onde se incluía a alfabetização de jovens e adultos, ministradas pelos membros da própria Congregação. Dentro da congregação Elias atuou por um tempo como professor dando aulas para estas pessoas. Segundos padres Elias os salesianos utilizavam a metodologia de Paulo Freire em suas aulas, isso ajudou muito para driblar a censura e a repressão condicionada pelo regime de 64.

Com essa metodologia os salesianos podiam levantar questionamentos a fim de despertar uma consciência crítica nos alunos, criando assim, uma resistência contra o regime militar. Mas, “este método foi recolhido pelos militares [...] não demorou nada para que a Censura recolhesse todos os livros”.²² Os momentos de conflitos do regime militar talvez

²⁰Idem.

²¹Entrevista concedida pelo Pe.Elias em 27 de maio de 2013.

²²Idem.

tenham contribuído significativamente para que seu lado social fosse colocado sempre em pauta em sua caminhada. Apesar de que desde cedo já dizia sentir a vontade de ser padre, foi justamente nesse período que seu lado pelo social foi criando campo, e a ideia de ser tornar sacerdote foi sendo amadurecida. Acompanhado pelos padres salesianos, teve grande parte de sua formação voltada para o serviço, incluindo estudo regular, religioso e iniciação ao trabalho.

Em 1965, padre Elias iniciou o noviciado em Carpina no estado de Pernambuco, logo depois foi para São João Del Rei para cursar a Faculdade de Filosofia, quando voltou a Jaboatão para estagiar numa dessas escolas, e Aracaju no segundo ano de estágio, e depois viajou para São Paulo dando prosseguimento nos estudos. E voltando a Aracaju Elias se ordenou diácono.

Após os quatro anos de Filosofia, Elias teria passado por um estágio durante a sua formação sacerdotal, num período de dois anos, o primeiro em Jaboatão e o segundo em Aracaju. Mas, foi em São Paulo-SP que começou o curso de Teologia e concluiu os estudos na capital de Recife-PE. Preparando-se para o sacerdócio, Elias foi ordenado diácono no dia 19 de outubro de 1974 em Aracajú-SE, pelo então bispo de Propriá, Dom José Brandão. Um ano mais tarde voltou a Conceição do Coité, sua cidade natal para sua ordenação sacerdotal, que aconteceu no dia 20 de julho de 1975, dia de seu aniversário, quando completava 31 anos de idade. Assim, se tornou sacerdote pela ordem dos salesianos pelo então arcebispo de Feira de Santana Dom Silvério Albuquerque.

Trabalhou pela primeira vez como padre em Aracaju como coordenador de Pastoral no Colégio Salesiano de Aracaju-SE e Coordenador da Pastoral da Juventude da Arquidiocese entre 1975 a 1979. De lá foi para Juazeiro do Norte - CE, onde foi Diretor da Obra Salesiana de Juazeiro do Norte no período entre 1980 a 1985.

Nessa jornada, ora para grandes centros, ora para pequenos vilarejos, o desejo que movia o jovem Elias era poder voltar ao "sertão nosso de cada dia", pois ele é, realmente, um cidadão do mundo, mas com raízes fincadas neste solo árido do sertão. Por essa razão, nunca perdeu suas características, seu modo de viver, seus gostos, seu modo de vestir típico dos homens mais simples: sandálias, bolsa de couro, camisa xadrez e calça. Desse modo, ele ganha a peculiaridade de um verdadeiro caminheiro do sertão: aquele que enfrenta os problemas é feliz e consegue juntar pessoas na luta por dias melhores. Parafraseando Guimarães Rosa, padre Elias é antes de tudo um forte! Não esconde de ninguém, seus ideais políticos e sua luta social em favor dos mais carentes.²³

²³PASTOR, Antônio Sérgio, **Um caminheiro do sertão. Perfis do semiárido: livro – reportagem/** Organizado por Nísia Rizzo de Azevedo. – Salvador: EDUNEB, 2010. P. 104.

Padre Luiz define sua postura da seguinte maneira:

Brinca com as coisas sérias, e faz as coisas sérias brincando. – o que não é brincar com as coisas sérias? É desenvolver o lúdico, usar o lúdico para transmitir uma mensagem revolucionária, séria. Fiel a Igreja, extremamente fiel a Igreja, mas nem por isso ele deixa de ser um politicamente incorreto.²⁴

Por isso, é muito vivo, e muito hábil para convencer, saber manipular de maneira positiva, saber orientar e convencer. Padre Elias consegue perceber com sensibilidade o caminho a seguir, não só através da religiosidade (dimensão mística), mas, através da história (dimensão humana). O ser “politicamente incorreto” na Igreja que Luiz se refere, e atribui a Pe. Elias pode ser analisado pela posição que ambos assumem em resistir ao conservadorismo eclesial existente na instituição católica. Tal resistência se vê na utilização dos meios de abertura que a Igreja ainda permite em sua pluralidade própria.

Outro ponto importante na vida de Pe. Elias foram as lições aprendidas no tempo de convívio em Recife, quando o então bispo Dom Hélder Camara atuou de modo oposto ao conservadorismo instituído na Igreja Católica. Baseando-se no Concílio Vaticano II, Dom Helder teria promovido uma ação social junto a Arquidiocese de Recife, combatendo a injustiça social causada pelo regime ditatorial naquela época. Sem dúvida Dom Helder mexeu com o poder instituído, não só do governo, mas, também de certa forma de uma grande parte da Igreja, que naquele momento apoiava o governo militar.²⁵

Por ter tido a oportunidade de conviver um pouco das experiências da época, e ter visto mais de perto a ação de Dom Helder Camara, padre Elias certamente, se identificava com aquelas questões tomadas pelo Arcebispo de Olinda e Recife. “Dom Hélder tinha um compromisso, todo mês ele ia no seminário, o que a gente gostava porque não tinha aula né... [risos] a manhã que ele ia era toda de conversa com ele!”²⁶. Podemos dizer então que a esta “conversa”, essa aproximação mesmo que remota do padre Elias com Dom Helder Camara, certamente o ajudou para que seu processo de formação religiosa tendesse para o lado social, condicionando sua vida pastoral em favor das classes mais pobres da sociedade.

²⁴ Entrevista concedida por Pe. Luiz em 22 de agosto de 2014.

²⁵ CONDINI, Martinho. **Dom Hélder Camara: um modelo de esperança**. 1. Ed. – São Paulo, 2008 (Coleção Comunidade e missão).

²⁶ Documentário, “Um Caminheiro do Sertão” Um documentário da vida e trajetória de Padre Elias Cedraz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgQ8UlpJrLw> acesso em: 03/06/2015.

Com a administração de Dom Helder Camara, o ITR (Instituto de Teologia de Recife), onde padre Elias estudou, funcionava como um ambiente de formação de padres. A formação dada aos padres pelo instituto pretendia objetivamente influenciar na preparação de seus líderes eclesiais. O momento impulsionava para que surgissem lideranças para atuar no meio do povo, e os anseios de uma Igreja latino-americana que buscava vapor na prática da opção pelos pobres. E o ITR comandado por Dom Helder parece que se aplicava nesse contexto latino-americano.

O contato de padre Elias com Dom Helder apesar de não ter sido muito frequente, teve relevante importância na sua formação sacerdotal, isso certamente auxiliou para que ele, e também outros padres da Congregação Salesiana, continuassem lutando contra o regime militar. “... Quem me ajudou indiretamente foi dom Helder Camara que era arcebispo de Recife quando eu estava no seminário”.²⁷

Dom Helder Camara se tornou no nordeste uma das referências na luta contra as práticas de injustiças desencadeadas pelo regime militar. A oposição ao regime militar tomada por alguns setores da Igreja foi à parte de destaque de católicos simpatizantes da ala progressista, onde a arquidiocese de Recife e Olinda, na pessoa de Dom Helder, teve sua particularidade agindo junto a esses grupos.

Segundo Martinho Condini, Dom Helder ainda tentava conciliar um intercâmbio com os militares, sendo comparado como ‘o bispo do diálogo’, mas com a deflagração do AI-5, que culminou num ato de extrema violência adotado pela ditadura, Dom Helder e diversos grupos progressistas começaram a resistir aos atos do regime, pois entendiam que estes traziam sérios problemas para a nação, aliás, até mesmo a Igreja Católica que sofreu com esta violência militar.²⁸

Havia uma radicalidade em seus sonhos, no sentido de aprofundamento e essência. A pureza do seu pensamento em defesa de seus ideais e princípios deixava a impressão de uma postura radical, na pior concepção da palavra. Mas, a sua radicalidade estava na preocupação de ir às raízes dos problemas que afligiam a humanidade. Não sonhava com soluções paliativas; ao contrário tinha propostas de mudanças estruturais, que resolvessem os problemas crônicos que afligiam os menos favorecidos há anos, no Brasil e em outras partes periféricas do mundo.²⁹

²⁷ Entrevista Concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

²⁸ CONCINI, Martinho. **Dom Helder Camara: um modelo de esperança**. 1. Ed. – São Paulo: Paulus, 2008. pp. 45-67.

²⁹ Idem, p. 77.

Os casos de perseguição e assassinatos de padres, leigos, freiras, fez com que boa parte da Igreja Católica brasileira se manifestasse contra ao regime. Os atos de injustiça e desumanidade indignavam também as lideranças religiosas, e Dom Helder, como bispo de Olinda, se posicionou contra essas atrocidades dos militares, e apoiou grupos resistentes. Em contrapartida às ações revolucionárias promovidas por Dom Helder, Pe. Elias nos dá algumas informações cruciais que ajudam a entender a grande discrepância existente na instituição católica, no que se refere a sua hierarquia e em seus grupos mais conservadores.

Pe. Elias reporta a 1985, ano em que chega à arquidiocese de Olinda e Recife, o novo bispo que veio substituir Dom Helder Câmara. O fato é que, Dom José Cardoso, não veio apenas para substituir Dom Helder, muito menos dar prosseguimento ao trabalho social que vinha sendo desenvolvido na arquidiocese. Segundo padre Elias, Dom José Cardoso era, “[...] o oposto de Dom Helder, ele veio para enterrar tudo que Dom Helder tinha feito, as instituições que tinham sobre o comando de Dom Helder e Dom Lamartine, ele... Tudo que se referia o social foi... Comissão de Direitos Humanos olha...” [risos].³⁰

Na década de 70, em plena ditadura militar, quando concluía os estudos de teologia em Recife, padre Elias presenciou um episódio conflitante no ITR (Instituto de Teologia do Recife), no trecho abaixo da sua entrevista, percebemos que a postura radicalmente conservadora de Dom José frente o instituto e a congregação dos salesianos o decepcionavam:

[...] e eu fui terminar teologia no Instituto de Teologia de Recife, que foi fechado! Aí é outro capítulo não, dá um livro, o substituto de dom Helder Câmara. Foi fechado! [por quê?] (grifo meu) porque o bispo que chegou substituindo dom Helder Câmara era o oposto de dom Helder Câmara! [...] era um conservador! Que nem tinha essa linguagem, essa linguagem saiu, mas, permaneceu... Ele veio pra isso, pra desmontar tudo que dom Helder fez... Mas rapaz, isso dói dentro da Igreja, isso dói, dói... Isso é o que mais desgasta a gente. Por que quando alguém de fora critica a Igreja é uma coisa, mas quando ‘eu’ critico a Igreja é outra coisa [...] o que o bispo disse: ‘se você não está satisfeito você saia!’ – eu disse não, não vou sair não porque a minha insatisfação é baseada no fundamento evangélico. Aí foi que aconteceu uma mudança grande na minha vida. Porque diante desse confronto com o bispo, a congregação não ficou do meu lado [...] e a corda só arrebenta do lado mais fraco, eu disse: Se a Congregação não fica do meu lado também não fico na Congregação [...] foi uma das grandes decepções da minha vida.³¹

Percebe nesse contexto que a Igreja Católica com seu poder hierárquico impõe condições que devem ser obedecidas entre o clero. Mas, ao que parece, padre Elias mostrava desde cedo os limites dessa ‘obediência’, se importava muito mais com seus ideais, do que

³⁰Entrevista Concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

³¹Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

com a sua permanência num ministério dentro da Igreja. Pois, as mudanças na Arquidiocese de Recife introduzidas pelo novo bispo impulsionaram padre Elias a fazer sua opção; ou se adequava as ordens vindas de seus superiores na congregação, ou teria que sair da mesma. Ele preferiu sair a abrir mão de seus ideais sociais. “... a história com Dom José Cardoso tem seu lado bom porque eu tô aqui hoje, né, graças aquela confusão eu sair do salesiano”.³²

A expressão de padre Elias mostra certa desilusão para uma possível transformação no aspecto conservador da Igreja. Aparentemente padre Elias não aceita essa postura institucional, autoritária do clero, e com certa decepção, relata como Dom José Cardoso começou a agir em posse da arquidiocese de Olinda e Recife, com a saída de Dom Helder. “... ele foi desmontando quase tudo na Arquidiocese, deixando de lado tudo que Dom Helder vinha fazendo”.³³

Esta mudança no posicionamento da Igreja de Recife afetou muito o animo dos padres, que como Elias buscavam maneiras concretas de evangelizar, pois sentiam dificuldades em se continuar desempenhando um trabalho de pastoral social dentro da diocese. Segundo padre Elias, o lado de Dom José Cardoso era totalmente voltado para a instituição católica, na forma mais conservadora possível, isto mostra como a Igreja por meio do seu poder institucional não fazia tanto esforço para apoiar a qualquer pessoa ou segmento que acampe algum movimento de caráter social, mesmo que este faça parte do seu clero, como foi o caso de dom Helder e de alguns padres da Congregação Salesiana.

O modo descontraído e irreverente com que padre Elias fala sobre sua saída dos salesianos, “graças aquela confusão”, revela que tal mudança não o abalou a ponto de deixar o sacerdócio, mas, o fez encontrar no seu próprio ministério, e na nova condição de padre paroquiano, uma forma de continuar atuando pelo social. Após sua saída da Congregação Salesiana padre Elias ainda permaneceu em Pernambuco por cerca de três anos, atuando como pároco na paróquia de Calçado, Diocese de Garanhuns.

Em 1996 foi indicado por padre Luiz, para voltar a Conceição do Coité. De acordo com as análises feitas a partir das fontes em que tive acesso, a indicação de padre Luiz não foi à toa. Eles de certa forma já se conheciam, e a situação conflituosa com poder público que a paróquia de Coité vinha passando, fez com que padre Luiz tramitasse toda a vinda de padre Elias para cá, a fim de atuar como vigário paroquial auxiliando num trabalho mais voltado

³²Documentário, “Um Caminheiro do Sertão” Um documentário da vida e trajetória de Padre Elias Cedraz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgQ8UlpJrLw> acesso em: 03/06/2015.

³³Idem.

para as CEBs, já que para Luiz, “padre Elias com seu lado mais popular... consegue tornar mais leves os problemas que parecem serem pesados”.³⁴

Padre Elias ficou em Coité por cerca de três anos, depois foi transferido para a paróquia Sagrada Família em Valente em 1999. Após um determinado tempo na paróquia de Valente, padre Elias voltaria para Conceição do Coité, sua terra natal. Sendo que, no dia 04 de Fevereiro de 2001, padre Elias toma posse da paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité afirmando seu compromisso com a comunidade: de dar continuidade nos trabalhos na paróquia, levando avante o processo de conscientização social e participação política, iniciado por padre Luiz desde 1989, “sem vacilar em nenhum ponto”.³⁵

Mesmo devido ao momento difícil em que se encontrava a paróquia, a união dos padres Luiz e Elias conseguiu se firmar, na medida em que diante do dilema dos processos que estavam correndo na justiça contra o padre Luiz, padre Elias chega para dar suporte e apoio, uma vez que comungavam dos mesmos ideais, tanto religiosos, quanto políticos e sociais. Neste aspecto eles se entendiam muito bem, Luiz pelo lado acadêmico, intelectual, Elias pelo lado mais social, popular. Padre Luiz, sabia do ideal social de Elias, pois já o conhecia, ele não via outro momento mais propício para utilizar seu conhecimento, amizade e sua credibilidade junto a Dom Itamar Viam Arcebispo de Feira de Santana, para trazer Elias para a paróquia de Coité, neste contexto de transformações na Igreja local. De acordo com Pe. Luiz, o ideal político e social de Elias,

[...] é de fazer com que as pessoas se reconheçam enquanto pessoas, cristãos (as), cidadãos (as), e com isso não ia medir esforços para que pudessem participar de maneira mais ativa da política, vida pública e exercendo sua cidadania, sem medo de envolver nisso o lado religioso.³⁶

Podemos afirmar que este caráter mais popular, social e cultural do padre Elias, se dá porque sua presença nestes movimentos socioculturais é relevante. Sendo que a sua pessoa aparece quase sempre nos arquivos paroquiais, como na Semana da Cidadania e o Grito dos Excluídos, como um organizador desses eventos sociais. Seu envolvimento é cada vez mais próximo do povo, tanto pelo lado pastoral, quanto pelo forte caráter cultural que carrega em si.

³⁴ Entrevista concedida pelo Pe. Luiz ao **Documentário dos 70 anos de padre Elias**. Disponível também em DVD do Arquivo de audiovisuais da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité.

³⁵ Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, Fev./2001, p. 12.

³⁶ Entrevista concedida por Pe. Luiz R. Oliveira em 22 de agosto de 2014.

As múltiplas faces de um povo é a diversidade cultural que este traz em si, e a igreja que é povo, precisa estar sempre se relacionando com o social e dialogando com a sociedade. Nesta perspectiva, podemos dizer que padre Elias tem se colocado como um sujeito que está diretamente ligado ao campo do social, à medida que sua atuação, até nos ambientes sagrados, é sempre com o intuito de trazer a tona o contexto de uma reflexão coerente, sobre a realidade social vigente. Pode-se chegar a esta definição analisando como se pautava esse seu discurso pelo social, que aparece nas suas homilias, palestras, cursos, e até em praça pública, através das fontes a disposição (vídeos e jornais), encontrados na paróquia.

Estes eventos se torna além do lugar do discurso, o lugar do envolvimento prático, dos ideais sociais que o padre defende. Sobre o discurso Foucault quer deixar claro o seu real poder de influencia, afirmando: [...] isso a história desde sempre ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo que pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos.³⁷

Apesar de estes documentos refletirem uma análise sobre o padre Elias, de que ele tinha interesse em levar ao público um conhecimento mais aprofundado sobre as questões sociais, não quer dizer que tais análises se esgotem nesta questão, ela requer maiores questionamentos, pois o campo religioso e político ele traz em si uma carga ideológica muito forte em cada indivíduo. Portanto, cabe esclarecer sobre esse ideal ‘socialista’ do padre Elias, que segundo Pe. Luiz é diferente daquilo que podemos chamar de Socialismo. Para Luiz,

[...] o socialismo é um sistema político ideológico que busca reformar a sociedade pela partilha igualitária dos bens de produção... A Igreja não trabalha com esta perspectiva. A Igreja na sua doutrina social procura oferecer elementos éticos que ajudem a sociedade a ser mais solidária na apropriação dos seus bens por parte dos homens que a formam. Aqui falamos de doutrina... ali, fala-se de ideologia... O "instrumento" que orienta a Igreja nessa sua caminhada pela via do social é o Evangelho de Jesus e não manuais de filosofia ou de economia política.³⁸

Vale ressaltar, que um dos pontos mais importantes de sua atuação na paróquia foi necessariamente a grande importância dada às comunidades eclesiais de base em toda paróquia, sobretudo, no que se refere à formação religiosa de lideranças leigas. Concomitantemente, à formação religiosa, dava-se a formação política, no apoio aos movimentos sociais. Aqui podemos perceber que se articulavam mutuamente religião e

³⁷FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial de António Bento.1971. p. 02.

³⁸ Entrevista concedida pelo Pe. Luiz em 22 agosto de 2014.

política, ao se colocar em prática a parceria entre o SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultura Familiar) de Conceição do Coité, e a participação dos grupos e pastorais sociais nesses movimentos.

A CNBB Nordeste 3 lança a cartilha política, e a paróquia adquire muitos exemplares para trabalhar com o povo. A meta principal é divulgação da lei 9. 840 contra a corrupção eleitoral. Os encontros com as comunidades, grupos, pastorais e movimentos aconteceram no mesmo estilo das novenas e mês da Bíblia.³⁹

Tomar temas importantes que envolvem a sociedade, e a partir daí introduzir os aspectos religiosos para afirmar um compromisso com a vida, era a maneira que Elias costumava desenvolver seu trabalho pastoral, e o exercício de seu sacerdócio. A presença de ações como estas, do estudo da cartilha política da CNBB, mostra que realmente padre Elias primava por uma igreja mais próxima da realidade terrena, onde as necessidades do povo pudessem ser mostradas e tomadas como compromisso pela sociedade.

Já como novo pároco, padre Elias da continuidade ao projeto de conscientização político-social na paróquia, a constante mobilização dos grupos, pastorais e movimentos para esta questão, e principalmente, das comunidades eclesiais de base, foi uma meta a ser cumprida pelo pároco. Padre Elias não queria deixar morrer o espírito de luta social, que padre Luiz despertara no povo católico coiteense. Por isso, quando questionado sobre as mudanças que poderia ter feito logo que tomou posse da paróquia, padre Elias é muito claro.

[...] escute! Tem uma coisa que precisa ficar bem claro. Eu passei três anos com padre Luiz, como vigário de padre Luiz, isso fez com que eu me preparasse para a saída de padre Luiz. Na saída de padre Luiz, eu ia fazer o quê? Eu ia desmanchar o que eu fiz? Porque eu já estava, eu já vinha fazendo. E então não mudou muita coisa ou quase nada.⁴⁰

Dessa forma, podemos dizer que houve uma continuidade do envolvimento da Igreja local nas questões públicas, porque nesse período se pode observar uma maior quantidade de pessoas participando dos acontecimentos, da vida pública, sem contar os eventos de cunho social promovido pela paróquia, registrados no livro de tombo e no jornal paroquial que circulava na época.

1.2 – A chegada dos padres em Coité: De Luiz para Elias.

³⁹Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, p. 107.

⁴⁰Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de Maio de 2013.

Luiz Rodrigues de Oliveira, o padre intelectual, outros podiam chama-lo de o padre do discurso afinado, ou, o padre político. Para falar do Pe. Luiz Rodrigues Oliveira, voltaremos no tempo para apresentar o homem, o sacerdote, o professor, o formador de opinião. Dessa forma, faz-se necessário perpassar por alguns pontos na trajetória de padre Luiz para descobrir como fez para chegar aonde chegou. Portanto, o breve relato sobre o antecessor de Elias em Coité, torna-se uma necessidade neste trabalho, afinal Elias participou desse momento junto com Luiz, e que de certa forma, a seu modo, foi dando continuidade ao trabalho na paróquia de Coité.

Duas coisas marcaram minha personalidade; o homem do campo, padre, do interior, analfabeto essa é minha origem, esses são meus pais; depois o respeito, a civilidade, a educação, eu cresci no meio universitário, trabalhei dez anos na UFBA, no setor mais elevado, de pós-graduação como funcionário e sempre lidei com pessoas altas, de alto nível intelectual, embora eu não seja, mas sempre lidei, estudei em escolas europeias, convivi com gente de todos os níveis, isso para mim foi muito marcante, embora minha origem seja lá de baixo, sempre vivi me relacionando com gente de alta, então, (...) tratamento, senso de respeito e civilidade, não de melhor e nem de subserviência, é de civilidade, daí essa civilidade precisa ser respeitada e preservada. (OLIVEIRA. Entrevista concedida em 19 de set, 2009).⁴¹

O fato de ter passado por ambientes de alto nível educacional, padre Luiz aprendeu a conviver com a civilidade, a educação o bom tratamento para com a pessoa humana, para ele diz muito. Apesar de ter vindo de origens simples, filho de pai vaqueiro e mãe doméstica, cresceu nessa família e viveu na simplicidade. Devido à morte de seu pai quando ele ainda tinha oito anos de idade, em poucos anos tornou-se trabalhador rural para poder ajudar sua mãe. No início de sua adolescência foi para Feira de Santana onde lá começou a trabalhar num bar, “às 5 horas da manhã, já estava abrindo a porta do bar”, uma experiência que marcou muito a sua vida.⁴² Como desde cedo trabalhou no campo, sua vida na cidade foi também no trabalho, aos 18 anos trabalhou um tempo em Feira de Santana de Carteira assinada, até ter a oportunidade de fazer o exame de admissão ao ginásio, mesmo passando no exame não conseguiu ingressar, pois,

[...] devido às poucas vagas que existiam em Feira de Santana, que naquela época havia apenas um ginásio público e outro particular, o Santanópolis, pertencente ao

⁴¹MIRANDA, Cristian Barreto, **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à Uneb Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, pp. 29-30.

⁴²Idem, p. 31.

Deputado Lauro Filho, que para ele estudar deveria receber uma bolsa de estudos, pois não possuía condições de seus pais pagarem as mensalidades.⁴³

As dificuldades para poder estudar eram gritantes numa época movida por uma política clientelista, centralizadora e desigual no país. Assim, como tantos outros sertanejos da época, Luiz ficou um tempo sem estudar, retomando em 1963 quando o prefeito Francisco Pinto construiu o ginásio municipal. Daí finalizou o ginásio em Salvador, no Instituto Central de Educação Isaias Alves, e completou o curso de Magistério, passando a lecionar no bairro periférico dos Pernambués, vivenciando um contexto diário de violência e desigualdade social.

Foi nesse momento de sua vida que pode conhecer uma casa religiosa feminina onde as freiras realizavam um trabalho de assistência social, e passando a se envolver nesse projeto, decidiu ingressar no seminário mesmo tendo conseguido passar no curso de História pela UFBA. Mas, a fase no seminário não foi tão tranquila devido aos problemas de saúde de sua mãe que ficou paraplégica por motivo de doença, devido a um AVC. Mesmo estudando no seminário, Luiz teve que voltar a trabalhar, para suprir as necessidades da família pobre e dos cuidados para com a sua mãe, a liberação para que Luiz pudesse estudar e trabalhar veio do então Cardeal Dom Eugênio Sales, arcebispo de Salvador na época. Mais tarde, Luiz foi ordenado padre em 08 de dezembro de 1979. Data da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira que em Coité marcou sua passagem na vida como pároco.

Eu fiz quase meus estudos sempre trabalhando, meu seminário foi muito intreporcados com a doença da minha mãe aquela história toda, e finalmente, e aí já era muito tempo passado, finalmente em 79 eu fui ordenado, eu passei muito tempo demorou, demorei de ordenar, ordenei com 31 anos devido a esse problema de trabalho, eu só deixei de trabalhar na semana da ordenação, foi um fato inédito em Salvador, que Dom Avelar concedeu isso a um seminarista, mas mesmo assim, logo, sendo padre eu continuei dando aula no Colégio Vieira à noite no curso noturno do Colégio Vieira, e daí nunca mais deixei o magistério, ensinei pela Prefeitura de Salvador, ensinei no Colégio Vieira, no Colégio Social da Bahia, no Central, e depois fui trabalhar em São Felix na paróquia menor da diocese, mais pobre da época, lá me envolvi muito com essa pobreza, aquele movimento dos trabalhadores rurais, não os sem terra ainda, era o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeira, de São Felix, região do Paraguaçu e me envolvi com isso, e tinha um colégio muito bom em Cachoeira, esse colégio formava as lideranças muito boas e desde já eles eram chamados de comunistas, nós estávamos vivendo a época da ditadura militar. (OLIVEIRA. Entrevista concedida em 19 de set.2009).⁴⁴

⁴³ Idem, p. 31.

⁴⁴ MIRANDA, Cristian Barreto, **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à Uneb Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, p. 32.

Sua trajetória no seminário é narrada pelo próprio Luiz de modo a evidenciar que sua experiência fora dos muros dos ambientes formativos eclesiais, foi de suma importância para sua própria formação não só pessoal, mas como um homem religioso. Assim, ele pôde ingressar na vida religiosa e dela soube aproveitar as oportunidades para crescer no mundo acadêmico o que o fez tornar-se não só um padre mais um docente de alto nível. Na região de Cachoeira padre Luiz atuou em movimentos de jovens da zona rural considerados na época como comunistas, envolveu com isso na política local. O padre/professor passou a denunciar e a conscientizar as pessoas contra o regime militar.

Essa sua atitude em Cachoeira se assemelha muito com a de outros religiosos, como a atuação dos dominicanos 22 em São Paulo no combate ao regime militar instaurado após o golpe de 1964, acolhiam pessoas que se colocavam em oposição ao regime e que eram perseguidas, desde a proteção em lugares seguros até o transporte clandestino para outras regiões.⁴⁵

Atuando como professor de português, padre Luiz também desenvolveu um trabalho de assistência pastoral nas comunidades rurais de Cachoeira. Analisando o texto da monografia de Miranda, percebe-se que a atuação de padre Luiz junto aos jovens ‘comunistas’ de Cachoeira, no período da ditadura militar, foi algo muito particular, de iniciativa própria, chegando até a driblar as ordens superiores, quando ele o próprio Luiz afirma que “esse seu apoio acontecia às escondidas do pároco de Cachoeira, que não gostava desses “comunistas”, evidenciando assim as contradições que existiam entre o clero brasileiro”.⁴⁶ Miranda também afirma que o clero dividido entre conservadores e progressistas, tanto um quanto outro, visava meios de embaraçar qualquer ação de iniciativa leiga ou não, que não fosse de acordo com suas concepções, não só eclesiais, mas também política.

Após seu trabalho em Cachoeira e São Felix, padre Luiz foi transferido para Roma, lá fez mestrado em Teologia por quatro anos. Ao concluir o curso retornou para Salvador para ser vice-reitor do seminário da arquidiocese permanecendo por muitos anos. Simultaneamente lecionava Teologia na Universidade Católica do Salvador (UCSAL), atuando cerca de vinte sete anos nessa instituição. Em seguida, passou cinco anos na paróquia de São Pedro,

⁴⁵ Idem, p. 32

⁴⁶ Idem, p. 34.

reformou a igreja e realizou um enorme trabalho no período que esteve por lá. Devido à necessidade de sacerdotes na Diocese de Feira de Santana, o Cardeal D. Lucas Moreira Neves, arcebispo de Salvador concedeu uma licença de dois anos para o mesmo fazer uma experiência nessa diocese a pedido do bispo D. Silvério Albuquerque. Visto que sua origem era nessa região. Ao chegar foi convocado a ser pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, que estava vaga e necessitava de um sacerdote.⁴⁷

Ao chegar à paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, padre Luiz dizendo-se guiar pelo Ensino Social da Igreja e do Concílio Vaticano II, resolveu caminhar numa linha voltada para o social, dentro da Igreja. Seguindo as orientações da CNBB, padre Luiz empenhou-se em trazer ao contexto paroquial aquilo que sugeria a Igreja do novo milênio. Sua chegada trouxe inovações para a paróquia, a começar pela grande necessidade de se implantar um novo modelo de administração paroquial, que fosse capaz de intermediar e desenvolver ações sociais na cidade. Era preciso mudar os rumos da Igreja Católica local, e para isso o revigoramento das CEBs precisava acontecer, a Doutrina Social da Igreja devia ser incorporada na dinâmica das comunidades, grupo de jovens e pastorais, para que estes, pudessem se mostrar mais atuante no cenário político da cidade. Como afirma Miranda:

O itinerário da ação evangelizadora do novo pároco desse período perpassou por caminhos diferenciados dos seus antecessores, Padre Luiz tornou-se peça central para a alteração nas relações políticas, proporcionando transformações a nível político e social. O então pároco realizou dentro da instituição um processo de profundas mudanças em sua estrutura afirmando que suas ações estavam legitimadas nas concepções do Concílio Vaticano II e nos ensinamentos da Doutrina Social da Igreja que foram marcantes no seu processo formativo e nas suas experiências pastorais.⁴⁸

Padre Luiz, assim que chegou a Coité sentiu que a paróquia não carecia dos ‘favores’, custeios e algumas regalias oferecidas pela prefeitura, e que a igreja de Coité podia se autogerir. Então, começou a cortar vínculos e benefícios concedidos pela prefeitura a igreja local – Primeiro dispensou três funcionários da paróquia que eram pagos pela prefeitura, inclusive, uma funcionária que trabalhava na casa paroquial. Cortou os vales de combustível para o abastecimento do carro da paróquia, como também as contas de água e luz, dentre outras despesas. Pois, “a Igreja particular de Conceição do Coité vivenciava antes de 1989,

⁴⁷ Idem, p. 34

⁴⁸ MIRANDA, Cristian Barreto de. **Igreja, Relações de Poder e Conflito no Território do Sisal**. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. P. 09.

uma situação de subserviência com o poder público local, dependia economicamente do poder público, por exemplo, pagamentos de funcionários, custeio a reformas e despesas em geral”.⁴⁹O padre queria livrar a Igreja de qualquer condição de subserviência, e assim poder torna-la mais independente.

Uma vez desprendida de favores da prefeitura, poderia se impor frente às situações de submissão e da desigualdade social em se encontrava as comunidades da zona rural. Esta ruptura com as forças políticas locais provocou uma série de conflitos dentro do contexto das relações políticas e religiosas na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité. Assim, o envolvimento da igreja católica no meio político e social passou a ter um caráter mais tenso, conflituoso, passou ser visto, de forma pejorativa pelos grupos dominantes no poder, como também por parte de alguns fiéis leigos, pois entendiam que esse envolvimento político não era muito bom para a Igreja.

Então o período que se segue entre 1989 até o ano 2000 ficou marcado na história da igreja católica coiteense por diversos conflitos entre as forças políticas e religiosas da cidade. Estes conflitos foram desencadeados na figura padre Luiz, pois, trazer um novo discurso, de denúncia, de contestação, inquietou muitos os “chefes políticos locais”, pois achavam que o padre poderia se tornar um forte adversário político, e conseqüentemente, uma ameaça ao poder estabelecido.

Eu acho que lugar de padre não é aí. O lugar de padre é na igreja. É chamando os fiéis para se aproximarem de Deus e não ficar se envolvendo em política (...). A igreja é lugar de trazer o povo para perto de Deus e pedir a Deus que resolva os problemas nossos e aqui na região e não fazer daí um antro de comunistas aí dentro desta igreja. Porque era um padre que honrava a batina que vestia. Este não está honrando. Este veio pra aqui fazer política. (Processo nº 045/92 encontrado no Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité).⁵⁰

Esta era a visão de quem detinha o poder, condicionar ao padre e a igreja apenas a função espiritual dela mesma, sacramental, apolítica. Tal comportamento colocava a comunidade numa posição apática sobre as questões sociopolítica da comunidade, omitindo uma participação direta do povo na vida pública, o que era combatido por Luiz e junto a ele nesse ponto veio Elias que não deixava de estimular uma igreja mais politizada. No entanto, mesmo sendo compreendidos por muitos de seus fiéis sobre essa ação política que a igreja deveria assumir, estes padres foram constantemente criticados por fiéis, pessoas influentes na

⁴⁹Idem, p. 07

⁵⁰Idem.

sociedade coiteense, e se mantinham resistentes nessa questão, de que: “Igreja não é lugar política!” “Padre não deve ser envolver em política”. Mas, O Mensageiro reforçava a vivência política do cristão, com o tema questionador “Bíblia sim! Política não?” o jornal traz explicações do significado da política para a vida em comunidade, questionando e encorajando – “como viver em comunidade sem ser político, sem lutar pelo bem da cidade, pelo bem do povo? Bíblia sim! Política sim! Politicagem não! Covardia e medo também não!”.⁵¹

1.3 – O discurso intelectual do padre Luiz.

Dentro deste contexto sócio-político, padre Luiz fazia um discurso teológico-social, ou seja, envolvendo nas suas homilias a relação entre o humano e o divino, que ele chama de ‘Antropologia Teológica’, que “é um discurso de Deus sobre o homem, a partir do próprio homem, em que Deus se fez na pessoa de Jesus Cristo na encarnação”.⁵² Padre Luiz revela que, para padres progressistas que lidam mais com as questões do social, “como no meu caso e do padre Elias”, estes buscam sempre auxiliar de alguma maneira na formação crítica das pessoas frente as suas concepções religiosas, porém, argumenta que este tipo de discurso mais intelectual torna-se muito difícil para o entendimento das pessoas, por que –“O povinho da comunidade não entende”.⁵³

Ao assumir seu caráter intelectual, revela que muitas vezes não é de fácil compreensão. No entanto, acaba por generalizar que esse entendimento não esteja ao alcance do povo. Porém, mesmo que esse discurso se acentue complexo, seu argumento não se aplica, e nem pode servir como parâmetro, pois demonstra certa subestimação do próprio povo da comunidade. Pois, na sua visão, o povo não teria essa capacidade de entender questões tão complexas como as de nível teológico e filosófico. Na verdade, mesmo que um discurso mais intelectual exija um conhecimento mais aprofundado sobre si mesmo, ele não tira a capacidade do povo na interpretação sobre a realidade a sua volta. Podemos dizer que tal discurso foi por muitas vezes, mal interpretado em suas entrelinhas, mas sem deixar de levar em consideração seu potencial popular. Padre Luiz explica a dificuldade que teve no começo para por em prática seus ideais.

⁵¹Jornal, **O Mensageiro**, Ano 8 – Número 66 – Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité – Arquidiocese de Feira de Santana – Bahia, setembro – 2002, p. 01.

⁵²Entrevista concedida pelo Pe. Luiz R. Oliveira em 27 de agosto de 2014.

⁵³Idem.

Eu... Acabava de chegar de Roma com o mestrado nisso aí, trabalhando em Salvador, numa cidade daquela, num ambiente bastante elevado, eu estava dando aula numa universidade católica, meu discurso estava nessa direção, eu chego em Coité vou falar essas coisas (*risos*) aí ficou um abismo... “não, isso aí é comício, o padre ta fazendo comício!” (*risos*).⁵⁴

O choque ideológico entre o novo pároco culto, intelectual, instruído, com a sociedade interiorana coiteense, acostumada com uma ligação íntima da Igreja com o Poder Público, trouxe inquietações provocadoras. Isso porque, essa relação Igreja/Estado começou a se configurar de modos diferentes, que podem ser definidas em dois períodos na história da paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, antes e depois de 1989: Antes, como forma de manutenção da ordem estabelecida, na troca de privilégios entre à paróquia e o poder público local – e depois, como uma maneira de ruptura, desligamento, sem trocas de favores, na busca de ‘independência da prefeitura’.

Ao longo dos anos em que esteve como pároco de Coité (1989 a 2001), padre Luiz sofrera diversas críticas sobre sua atuação na paróquia, e em meados de seu mandato foi alvo de processos e teve que responder na justiça sobre suas declarações muitas vezes proferidas em sermões nas missas.⁵⁵ Assim como ele mesmo tem declarado: “Ante o barulho da ignorância, da intolerância, da truculência travestida de religiosidade (e até santidade) iniciei com o sussurro da educação, o grito da consciência...”⁵⁶ Diante desta afirmação, e analisando o contexto pelo qual vivia o clérigo frente à paróquia de Coité, fica bem claro, que o fato da tomada de posição política de padre Luiz, vinha de um desejo de desconstruir as formas antigas, ‘coronelistas’ que os chefes políticos exerciam em Conceição do Coité. A partir da independência a paróquia teria mais liberdade para começar a promover junto ao povo uma nova consciência social, política e religiosa.

Padre Elias foi caminhando junto com Luiz nesse processo, havendo assim entre eles uma cooperação, entendimento necessário para porem em prática suas ideias em comum. Padre Elias afirma com convicção que, “padre Luiz foi aos poucos incutindo nas pessoas que o ser cristão não pode ser subserviente, nem político, nem social e nem religioso”.⁵⁷

De acordo com os registros do Livro de Tombo da paróquia o “clima” na cidade durante essas eleições estava bastante tenso, ainda mais pelo posicionamento

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ MIRANDA, Cristian Barreto de. **Igreja, Relações de Poder e Conflito no Território do Sisal**. Apresentado nos Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

⁵⁶ Jornal, **O Mensageiro**, Ano VII – Número XLVIII – Conceição do Coité – BA. Janeiro/2001, p. 01.

⁵⁷ Entrevista concedida pelo padre Antônio Elias Souza Cedraz em 17 de maio de 2013.

político da Igreja de estar conscientizando a população local a respeito do voto e na participação nos debates políticos para a mudança sócio-política da comunidade. Para isso, ela utilizou de cartilhas editadas pela Diocese que orientavam os fiéis a como escolherem candidatos comprometidos com a luta do povo. A utilização dessas cartilhas pela paróquia além de contribuir para essa conscientização serviu de base legitimadora para as ações políticas do pároco e do novo vigário que chegou ao município, o padre Antônio Elias Souza Cedraz. Pois, os mesmos realizavam tal ação seguindo as orientações da Igreja a nível Regional e Diocesano. (Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité. p. 90).⁵⁸

De acordo com Miranda, a Igreja Católica Regional e Diocesana, compreendia que as ações de Luiz e Elias eram bem vindas naquele momento, pois estes se diziam orientar-se pelos documentos da Igreja, e pelas Cartilhas Políticas produzidas pela Diocese de Feira de Santana, boa parte delas dirigidas pelo então arcebispo Dom Itamar Viana, também servia de parâmetro para o trabalho paroquial e pastoral para a conscientização da população. Aparentemente não se percebe nos documentos paroquiais nenhum relato ou qualquer espécie de ordem ou aconselhamento superior, sugerindo uma mudança de atitude na postura dos padres, Luiz e Elias no que se refere à participação deles na vida pública e da política local. De certa forma, parece que o objetivo destes homens era trazer para a Igreja de Coité, uma conscientização política, seja através de uma prática social, seja pelo discurso (sermões/homílias), para que se busque a libertação do ser, da pessoa humana.

[...] passados 11 e meio longos anos, eis que vou para Salvador para melhor servir à Igreja e à nossa Diocese de Feira de Santana na área de Formação – Vou continuar meu magistério teológico e ajudar a formar padres de que tanto a nossa sociedade precisa - padres que não tenham medo de proclamar com a sua própria vida, que há um único Senhor no mundo e do mundo, Jesus Cristo, o Libertador”.⁵⁹

Nesse sentido, as análises feitas sobre os autores e fontes orais em questão, apontam que esta formação dos padres numa época transição econômica, política e social na Brasil, recaem sobre os padres Luiz e Elias que passaram por este processo de formação muito mais voltada para o progressismo clerical do que conservador. Era uma formação no sentido libertário da pessoa humana, e para que se desse isto, era necessário uma evangelização a partir de uma práxis social.

⁵⁸MIRANDA, Cristian Barreto, **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à Uneb Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, p. 35.

⁵⁹Jornal **O Mensageiro**, Ano VII – Número XLVIII – Conceição do Coité – BA. Janeiro de 2001, p.1.

Ao se referir no trecho citado acima sobre, “Jesus Cristo, o Libertador”, Luiz Rodrigues Oliveira explica o sentido dessa expressão tomando como princípio sua visão teológica, filosófico, transcendental, mostrada abaixo:

[...] nós queremos salvar... quem Jesus veio salvar foi o homem, o homem é o corpo – depois da morte, a salvação começa aqui – Agora o que é essa salvação? A salvação é o bem estar físico, moral, psíquico, espiritual do homem, do homem todo! Não é depois da morte, o que existe depois da morte é máximo um corpo chamado corpo glorioso identitário, etc.; o principal é o aqui agora, mas o papel da religião, da Igreja, a missão da Igreja é anunciar a boa nova do reino de Deus para este homem, enquanto ele está aqui vivendo, para que ele se reconstrua, se refaça se construa como homem, no sentido de ele viver plenamente a sua vida, nos seus direitos, sua liberdade, na sua saúde, sua educação, etc. ”.⁶⁰

Essa aproximação do povo pode ser notada na atuação pastoral de Elias durante seu ministério. Assim, também com o padre Luiz que mostrou um comportamento associado aos setores populares, apesar de trazer uma bagagem acadêmica e intelectual. Padre Elias, pelo lado popular se aproxima mais das comunidades. Isto teve uma importância crucial no processo conscientização e transformação social, pois esta tendência popular destes padres percebida pelas análises feitas sobre as fontes disponíveis nos arquivos da paróquia de Coité ajuda nas afirmações de aproximação desses líderes com o povo, principalmente quando confrontadas com os depoimentos orais adotadas nesta pesquisa.

1.4 – A presença de padre Elias nos movimentos sociais de Conceição do Coité.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Coité desempenhava um papel favorável na organização popular voltando-se para as ‘classes baixas’ como camponeses e agricultores da sociedade coiteense. Os trabalhadores rurais eram chamados a lutar pelos seus direitos, criando associações nas comunidades da zona rural, participando dos movimentos sindicais, e apoiando aqueles promovidos pela Igreja que visassem interesses comuns.

O padre Elias tem se mostrado a favor do envolvimento da Igreja sobre as questões sociais e políticas. Segundo ele, a questão religiosa envolve dignidade humana, e por isso inevitavelmente, elas vão sempre se chocar com questões de cunho político. “O que é preciso ter consciência a que tipo de política se está fazendo, quais interesses ela revela? E a quem ela

⁶⁰Entrevista concedida pelo padre Luiz Rodrigues Oliveira, em 22 de agosto de 2014.

defende? [...] A política do bem comum eu não abro mão dela. A política partidária se eu entrar você me critique”.⁶¹

Essa política do ‘bem comum’ defendida por padre Elias é entendida como aquela responsável pelo bem-estar-social. Ela deve atuar no campo da promoção da igualdade, na defesa dos direitos humanos e da justiça social. A política partidária que padre Elias se refere está intimamente ligada à defesa direta de um candidato ou partido político. Esse tipo de política não é permitido pela Igreja Católica. Porém, no jornal O Mensageiro, da paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, vem mostrando que não houve essa neutralidade partidária, ao trazer publicações sobre acontecimentos sócio-políticos, do Brasil, na Bahia e em Conceição do Coité, nos deparamos com várias formas de expressão que levam a uma simpatia pelo Partido dos Trabalhadores. Aliás, as pessoas envolvidas nestes movimentos, são em sua maioria pessoas ligadas aos Sindicatos, militantes, lideranças da Igreja local, filiados ou simpatizantes do PT.

Em contrapartida, aqueles que divergiam ao Partido dos Trabalhadores, se mantinham na igreja enquanto fieis, mas não viam tais iniciativas dos padres Luiz e posteriormente padre Elias com bons olhos. Mesmo que maneira indireta esta opção política por parte dos padres, de certa forma abalava as relações com os fieis, mas de acordo com os depoimentos dos padres, isto não os preocupava. Segundo Elias, “enquanto nós estivermos preocupados com quantidade, e não com qualidade, não seremos a Igreja que sonhamos!”. Sobre este posicionamento dos padres, Joílson do Fórum, como é conhecido, destaca:

[...] todas as escolhas têm suas consequências, como padre Elias escolheu a atuação concreta da fé, a ação libertadora da fé, a ação da exigência do evangelho, experimentou as consequências, que foi a incompreensão [...] E aqui encontro uma parte de pessoas também solidárias e que acredita na caminhada, assim como encontrou também resistência e pra qualquer lugar que ele fosse encontraria, porque enquanto houver história humana, a gente vai está sempre nesse desafio de tentar implantar o reino de Deus, e, infelizmente de encontrar os obstáculos dos egoístas, dos que se locupletam com o suor o e sangue dos outros, daqueles que mais precisam de justiça.⁶²

As escolhas que padre Elias fez na sua caminhada pastoral, diz muito para uma ação libertadora da fé. E uma dessas escolhas de padre Elias foi tornar-se um simpatizante do grupo político que fazia oposição em Coité, o Partido dos Trabalhadores. O apoio ao grupo

⁶¹Entrevista concedida pelo padre Elias em 27 de maio de 2013.

⁶²Entrevista concedida por Joilson em 20 de março de 2015. (Joilson do Fórum).

político se dava na medida em que integrantes do PT de Coité e região eram convidados para ministrar palestras, conceder entrevistas e publicar manchetes no jornal da paróquia, que lembram os acontecimentos políticos no Brasil, intimamente ligados ao PT como a eleição do presidente Lula em 2002.

Eleições 2006 – Não podemos deixar de registrar o acontecimento de grande importância para o Brasil, como a vitória de um operário como presidente. E na Bahia, a derrota do Carlismo com a vitória de Jacques Wagner. Finalmente vimos e participamos da derrota do poderio de uma família que dominou a Bahia por mais de 40 anos.⁶³

Percebe-se que sua atuação de Pe. Elias se voltava também para que as lideranças da igreja se inserisse no meio político. Dentro desse contexto, havia um ideal de projeto popular que os grupos auxiliados por padre Elias dentro da Igreja de Coité, pretendiam para se organizar, a exemplo disso foi o lançamento do “Mandato Popular” com a candidatura de Serginho da PJ, concorrendo às eleições para vereador em 2000. Dessa forma, este era um meio real de se conseguir lutar,

[...] por projetos populares que beneficiem a sociedade coletivamente, lutar contra a corrupção, desvios do dinheiro público, empenho para melhorar a vida do servidor público, com salários dignos e direitos respeitados [...] organização do povo e sua participação efetiva, uma política do bem comum, sem apadrinhamento, sem protecionismo.⁶⁴

O projeto pretendia auxiliar na formação de lideranças leigas em toda diocese capazes de criar aberturas para uma maior participação popular. Este projeto de cunho social teria que partir dos movimentos sociais com o apoio da igreja, e dentro da política lutar por justiça social. Embora se observe que o jornal O Mensageiro de outubro de 2008, tenha mostrado que a organização deste projeto de formação da Fé e da Política, obteve dos seus organizadores um devido sucesso, como também uma boa participação dos leigos que foram convidados para participar.

Para, além disso, a Igreja de Coité em parceria com a recém-estruturada Diocese de Serrinha, e cumprindo seu papel na hierarquia eclesial, estava sempre em ligação com a diocese, participando das Assembleias diocesanas. Objetivando por em prática o papel de

⁶³ Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, p. 120.

⁶⁴ Entrevista do Vereador do PT Arivaldo Mota ao jornal **O Mensageiro** em julho de 2001.

mediadora para uma possível conscientização social dos seus fiéis, foi lançado na Assembleia Diocesana em 2007, a proposta de criação de uma Escola Diocesana Fé e Política.⁶⁵

Este projeto não se firmou por muito tempo na Diocese, no seu sentido mais concreto, devido às inúmeras dificuldades, como, a falta de pessoas para assumirem um projeto dessa envergadura; o apoio financeiro da diocese para a estruturação e manutenção dos centros de estudos; a falta de interação das paróquias que ajudasse a manter o contato entre as foranias; e a não prioridade da Diocese pelo projeto de um modo contínuo capaz de abranger um público maior.⁶⁶ Por outro lado, na Igreja Católica há um sistema padrão de transferências dos padres, que com as mudanças de paróquias acaba por trazerem uma nova maneira de trabalhar, que na maioria das vezes um padre não dá continuidade ao trabalho pastoral do outro, principalmente quando a atividade pastoral não é algo próprio da Igreja, como são a realização dos sacramentos, e a catequese.

Ao analisar alguns documentos encontrados nos Arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, como o Jornal da paróquia; o Livro de Tombo entre arquivos audiovisuais em DVD sobre a Semana da Cidadania e o Grito dos Excluídos, observa-se muito bem esse lado partidário de padre Elias. E isto não só em Coité, por onde passou padre Elias também demonstrou certa afinidade e aproximação ao PT.

Para algumas pessoas se cogitou um padre maduro, com uma vivência pastoral maior, com modificações maiores na paróquia. Pra outros ficou algumas interrogações... Alguns olharam muito o lado político de padre Elias” [...] “Nós na sua chegada o tínhamos como o padre do PT, e aí aos poucos nós o nomeamos o padre do ‘PP’: o padre do papel e da participação!.”⁶⁷

A citação acima caracteriza um tipo de visão que as pessoas da comunidade tinham sobre a atuação pastoral de padre Elias, ela demonstra sua forte tendência ao pensamento de esquerda, e juntamente a isso, a sua ligação ao PT. Entretanto, mesmo mantendo sempre o cuidado em não deixar transparecer esse seu lado petista, de um modo mais explícito, sua tendência progressista e sua afinidade pelo Partido dos Trabalhadores, Ihe trouxe tanto o carisma de muitos fiéis, quanto à antipatia de outros.

⁶⁵Jornal, **O mensageiro**, Outubro de 2008, p. 04.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷Entrevista concedida pelo casal Gicélia e Vainha ao Documentário, “Um Caminheiro do Sertão” Um documentário da vida e trajetória de Padre Elias Cedraz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgQ8UlpJrLw> Acesso em: 03/06/2015. * Gicélia e Vainha são moradores do Município de Valente – BA, amigos de padre Elias.

Nas colunas do informativo mensal, pode-se notar uma forte característica de esquerda progressista, principalmente na maneira de como as manchetes estão postas lá. Pois, os acontecimentos, movimentos de cunho sócio-político, como, passeatas em praças públicas, manifestações promovidas pelo SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultura Familiar) de Conceição do Coité, Semana da Cidadania e Grito dos Excluídos, não passavam despercebidos no Jornal. Como diretor do jornal paroquial, padre Elias fazia questão, não só de anunciar tais acontecimentos, mas, também de escrever sobre eles. Era uma forma encontrada pelo padre de espalhar uma mensagem de conscientização política e social. Muitos destes movimentos sociais eram apoiados pela igreja local, tanto de caráter social quanto que de protesto social.⁶⁸

Dessa forma, os eventos promovidos pela paróquia tinham essa real intenção de fazer da igreja de Coité, não só um espaço de oração, mas, sobretudo de socialização. Para falarmos dessa postura de Elias frente aos movimentos sociais, abordaremos a seguir dois deles, que certamente marcaram a paróquia levando fiéis para além das quatro paredes dos templos.

1.5 – Semana da Cidadania e o Grito dos Excluído em Coité: espaços de socialização.

A *Semana da Cidadania* é um evento nacional, promovido anualmente por paróquias que se comprometem com a causa. Ela antecede o feriado nacional de 07 de setembro, com o propósito de preparar o povo para o *Grito dos Excluídos*, que acontece neste dia. A Semana da Cidadania trata dos mais diversos temas a nível nacional proposto a cada ano, relativos ao meio ambiente, drogas, violência, aborto, educação social, etc. Estes são vivenciados no dia do ‘Grito’ com o povo nas ruas, através de passeatas, manifestações e apresentações culturais nas ruas da cidade.

A escolha do dia está intimamente ligada ao dia da pátria em oposição a uma data comemorativa e festiva do “Grito do Ipiranga”, para celebrar com o povo o verdadeiro grito, “Grito dos Excluídos” que tem o direito de expressar e indignar-se com as situações de injustiça em que se encontram. Seguindo a temática da Semana da Cidadania, o Grito dos Excluídos é realizado por manifestações populares carregadas de simbolismo, é um espaço de animação e profecia, sempre aberto e plural, de pessoas, grupos, entidades, igrejas e

⁶⁸Jornal, **O Mensageiro**. Ano VII – Número LII – Conceição do Coité – BA. Junho/2001, pp. 02, 03,04.

movimentos sociais comprometidos com as causas dos excluídos. O Grito é uma descoberta, por isso tem buscado o protagonismo desses sujeitos sociais, uma vez que seus agentes e lideranças de pastorais apenas abrem um canal para que o ‘Grito’ sufocado dos oprimidos e excluídos da sociedade venha a público.

O Grito não tem um “dono”, não é da Igreja, do Sindicato, da Pastoral; não se caracteriza por discursos de lideranças, nem pela centralização dos seus atos; o ecumenismo é vivido na prática das lutas, pois entendemos que os momentos e celebrações ecumênicas são importantes para fortalecer o compromisso realizado por várias paróquias em todo Brasil.⁶⁹

Com o apoio da CNBB (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil), a proposta do Grito surgiu no Brasil no ano de 1994, e o 1º Grito dos Excluídos foi realizado em setembro de 1995, com o objetivo de aprofundar o tema da Campanha da Fraternidade do mesmo ano, que tinha como lema “Eras tu, Senhor”, e responder aos desafios levantados na 2ª Semana Social Brasileira, cujo tema era “Brasil, alternativas e protagonistas”. Em 1999 o Grito rompeu fronteiras e estendeu-se para as Américas.⁷⁰

Nesse sentido, o Grito dos Excluídos abre espaço para os diversos contextos e realidades vividas na sociedade brasileira. É um dia de conscientização e de luta por uma nova ordem nacional e mundial. “É um dia de sair às ruas não para desfilar militarmente, mas para gritar contra a desigualdade social”⁷¹ – a sua realização se dá a partir de um processo de construção coletiva na participação dos Movimentos Populares, Movimentos Sindicais, Igrejas, Escolas e Organizações afins.

O Grito dos Excluídos foi adotado pela paróquia de Coité e teve sua primeira realização em 1996, tendo em vista uma melhor conscientização social, e a partir disso, reivindicar e fazer valer os direitos do cidadão. Para padre Elias celebrar esse dia tem todo um sentido,

ir as ruas não significa fazer “auê”, é preciso que povo saiba do que se trata o movimento, qual a causa defendida e qual o objetivo. Para que isso ocorra, é preciso que se esclareça que tipo política se pretende fazer, o cuidado para não tornar algo partidário é imprescindível para a efetiva consciência social.⁷²

⁶⁹ **Grito dos/as Excluídos/as** a vida em primeiro lugar. Disponível em: <http://www.gritodosexcluidos.org/historia/> acesso em: 09/09/15.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Jornal **O Mensageiro**, Ano 10 – Número 82, Conceição do Coité – BA, Setembro/Outubro de 2004, p. 03.

⁷² Idem.

Nesse sentido, numa linha diferente, mas não muito distante da perspectiva de Luiz, padre Elias foi dando continuidade, e conduzido os trabalhos de conscientização social na paróquia. De modo mais flexível, buscou se aproximar mais do povo, e se posicionou frente à política local com seu engajamento nos movimentos sociais em Coité. Ajudou a promover eventos que proporcionassem uma maior e melhor participação popular. Assim, as ações destes padres, primeiro Luiz e junto com ele Elias, visava fazer com que as pessoas da igreja participassem da vida pública da cidade, interferindo na política local, reivindicando das autoridades uma política mais democrática. Mas, como percebemos na Revista *Arquidioces'ana*, a colocação do padre João Eudes mostra muito bem que essa falta de compreensão sobre a participação política da Igreja, tem se crescido na maioria dos fiéis, cristãos católicos.

Tem muita gente aí que ‘torce o nariz’ quando a Igreja exercita seu profetismo, denunciando as injustiças, ou quando entra na luta pela defesa dos direitos humanos, na defesa e proteção dos excluídos, marginalizados, ou mesmo quando encampa alguma campanha de conscientização política ou de reivindicações de direitos ou de políticas públicas.⁷³

Dessa forma, analisando os comportamentos dessas lideranças e de setores católicos, não há como negar uma posição política por parte dos membros de pastorais e movimentos, tanto os que aprovam a participação política da Igreja, quanto àqueles inertes a essa questão. De fato, tomar uma posição contra ou a favor, aderir ou não a uma causa social, já caracteriza um posicionamento político. A Igreja no aspecto religioso procura manter sua neutralidade, mas como instituição acaba influenciando e interferindo nas questões sociais e políticas. Evidentemente que,

[...] a vida das Igrejas e a crença cristã se exprimem no seio de um regime leigo e de uma sociedade secularizada e descristianizada [...] Colocando questões que não se pode evitar, apresentando alternativas, ele força as Igrejas a formularem expectativas latentes em termos de escolha que excluem toda possibilidade de fugir do problema. A política não pára de impor, de questionar, de provocar as Igrejas e os cristãos, a título individual ou coletivo, obrigando-os a admitir atos que os comprometem perante si mesmos e perante a sociedade.⁷⁴

Assim, ao incentivar a participação do povo na vida pública, inevitavelmente a Igreja passa a tomar um “partido”. Sua funcionalidade não será mais exclusivamente de caráter

⁷³ Revista *Arquidioces'ana*, “**Igreja, Vida e Missão**” – Ano I – nº 02 – Dezembro 2011, Publicação da Arquidiocese de Feira de Santana, p. 34.

⁷⁴ COUTROT, Aline, **Religião e Política**. *Por uma história Política* (Org. René Remond, 2003), p. 335.

religioso (espiritual). Ela assumirá nesse sentido um papel social, pois “o espírito que dá o discernimento da fé, é o mesmo, quando o objeto desse discernimento é uma ação social ou política”.⁷⁵ Esta ação social ou política da Igreja ela só é possível quando “o cristão qualquer”, toma para si o protagonismo da ação tornando-se o próprio sujeito no campo político, social e econômico. Junto a estes sujeitos históricos ganham destaque alguns líderes religiosos que impelidos pelas circunstâncias diversas tomam consigo uma causa social, ou a opção pelos pobres, onde a sua maneira de agir junto ao povo passa a ser dignas de investigação.

Dessa maneira ao perceber uma presença muito forte do padre Elias juntos as comunidades, principalmente as da zona rural, constata-se que há uma tendência de Igreja popular, ligada mais aos pobres, que ele tenta conduzir na paróquia.

[...] Outra coisa que a gente tem que foi mais forte no meu tempo, não nego de jeito nenhum, o apoio e a presença nas comunidades da zona rural. Então, isso eu tive como objetivo, não sei se alcancei, mas de estar mais presente e de mais oportunidades as comunidades da zona rural [...] Por que são dois grupos fortes que a gente tem nas paróquias, pastorais e as comunidades. E não entrou ainda na cabeça do pessoal que faz pastoral, que elas estão a serviço das comunidades.⁷⁶

Essa característica, de priorizar uma atuação pastoral para as CEBs, implica dizer que padre Elias desenvolvia ações semelhantes às perspectivas geradas pela teologia da libertação. Ao voltar-se mais para as comunidades da zona rural, padre Elias priorizou pela formação dos leigos, (jovens e adultos) algo que já vinha acontecendo na paróquia e na diocese desde os tempos de padre Luiz Rodrigues.

Com a chegada do Pe. Antônio Elias em 1996 o discurso acentuou-se mais ainda e a práxis tornou-se mais consistente através dos inúmeros grupos de jovens por ele formados e as comunidades tomaram um caráter mais reivindicativo sem descuidar do seu serviço cúltico.⁷⁷

Assim, ao priorizar a participação dos grupos de jovens, pastorais e movimentos, proporcionando sua inserção social, padre Elias fez surgir o protagonismo popular dentro da Igreja de Coité. Escutando a “voz dos que não têm voz”, como afirma Frei Betto, a Igreja durante o regime militar, se tornou esse espaço encontrado pelas classes populares. Para ele,

⁷⁵ANTONCICH, Ricardo e SANS, Miguel Munarriz. **Ensino Social da Igreja**. Tradução de Jaime Clasen. Vozes – Petrópolis, 1986, p. 40.

⁷⁶Entrevista concedida pelo padre Elias em 27 de maio de 2013.

⁷⁷Entrevista concedida pelo padre Luiz em 22 de agosto de 2014.

“O povo redescobriu a Igreja, não apenas como espaço de expressão e nutrição da fé, mas também como espaço de organização e mobilização”.⁷⁸

E essa expressão dada por Betto, se encaixa muito bem com as ações da Igreja de Coité, desenvolvidas através de boa parte de seus fieis, incentivados pelo padre Elias. Considerando que, ao priorizar as ações destes sujeitos na história, o cristão comum (leigo), e o cristão consagrado (padres, freiras, religiosos) são capazes de formar uma consciência libertadora, e a partir dela encontrar mecanismos de ação mais condizente com a realidade. Portanto, mesmo estando ciente desta “complexa e inevitavelmente relação que ocorre entre religião e política”,⁷⁹ ela não se extinguirá simplesmente por trazerem consigo o conflito, que causa a rejeição do aspecto do sagrado da religião, mas, se adaptará ao seu momento, a sua realidade, seu lugar social.

1.6 – As contribuições de padre Elias para Igreja de Coité

O padre Elias entra nesse cenário político coiteense como alguém que promove a participação do povo na sociedade, alguém que incentiva a mobilização social, e que juntamente com os grupos, pastorais e movimentos foi capaz de promover e realizar na paróquia diversos eventos de cunho político e sociocultural, que levam a pensar uma igreja mais próxima do povo.

Nessa mesma direção, é importante perceber o papel do padre Elias enquanto um líder religioso, mas que buscava um trabalho pastoral voltado para a formação dos jovens. Que não seria apenas formar o sujeito religioso, mas, a partir deste, também formar o sujeito social. Por isso, com um discurso religioso muito mais politizado do que doutrinário, padre Elias, levou muitos fiéis a pensar numa Igreja a serviço da comunidade. E esse serviço, através do trabalho das pastorais, se daria na participação direta das pessoas na vida pública.

O jornal O Mensageiro traz diversos acontecimentos que mostram como padre Elias trabalhava para que essa participação política se efetivasse na paróquia. O informativo aborda e enfatiza atos públicos onde a presença da Igreja era notório, como, movimentos sindicais, campanhas sociais em favor do meio ambiente, passeatas, e datas comemorativas, como o dia do Trabalhador, dia Internacional da Mulher, porém, sempre pautados com um chamado a sociedade a olhar para esses atos públicos com um sentido crítico e reflexivo sobre esses

⁷⁸ BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Abril Cultural, 1985, p. 08.

⁷⁹ COUTROT, Aline, **Religião e Política**. *Por uma história Política* (Org. René Remond, 2003), p. 335.

temas.⁸⁰ Outro ponto, abordado pelo jornal são as pessoas que aparecem nas entrevistas, muitas delas levando para o lado da política nacional, e regional. As pessoas convidadas era sempre alguém ligado aos movimentos sociais; líderes sindicais, escritores, palestrantes; ou pessoas diretamente ligadas ao Partido dos Trabalhadores; Presidentes do partido em Coité, deputados, vereadores.⁸¹

Pela análise das diversas entrevistas contidas no jornal, com candidatos, militantes petistas, escritores, gente ligada aos movimentos sociais na Bahia, e principalmente, das ilustrações, figuras, ícones e símbolos, pode se entender que presença da Igreja de Coité nos movimentos de cunho social se fazia notório a partir do envolvimento de padre Elias nesses ambientes sociais. Conseqüentemente, tal posição e manifestação atribuída ao padre, juntamente com os organizadores do jornal na paróquia, acaba deixando transparecer a forte ligação com o PT. A figura abaixo traz bem clara neste aspecto a divulgação dos acontecimentos do país relativos ao PT, como a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002.



Figura 1. Jornal O Mensageiro Conceição do Coité-Ba - Setembro - 2002

A figura mostrada acima do jornal O Mensageiro descreve uma das maneiras de inserir a política na vida da comunidade católica. Ao analisar certa conexão entre as imagens do então presidente Lula justamente ao lado do anúncio da Festa da Padroeira, concluiu-se que há explícita uma forte tendência partidária. Parece que a informação quer transmitir uma

⁸⁰Jornal, **O Mensageiro**. Ano VII – Número LIII Conceição do Coité – Ba. Junho/2001.

⁸¹Jornal, **O Mensageiro**. Conceição do Coité – Diocese de Serrinha - Ano 13 – Número 100 Abril/2007.

mensagem para os leitores do jornal, associando o tema da Festa: “Com Maria Construindo Uma Terra Sem Males” como se a construção desta “terra males” o Brasil, fosse a partir da eleição do presidente Lula?

Nesse sentido, O Mensageiro, não só perpassa o aspecto religioso, mas também informava e tocava diretamente no social e no político. Padre Elias como diretor dava sua colaboração na feitoria desse noticiário paroquial, e, a considerável quantidade de anúncios referentes à política, aos movimentos sociais em Coité e as coisas relativas ao PT, evidentemente, diz muito sobre a afeição do padre pelo partido. Isso talvez tenha muito haver, com sua militância no período de repressão na época da ditadura militar (1964-1985), onde sua simpatia pelo Partido dos Trabalhadores tenha sido gerada dessa época de intensas experiências de luta contra o regime.

[...] E ele disse que uma vez estava na rua com os colegas reivindicando... E eles foram perseguidos pela polícia, eles tiveram que sair correndo a polícia atrás deles até que eles conseguiram se salvar né. Por que... Se a polícia pegasse eles ninguém sabe o acontecia né... Além da tortura, podiam até matá-los.⁸²

Sobre esta questão Pe. Luiz confirma seu envolvimento com as lutas e com a política partidária: “Tô bem lembrado... Da vez que ele foi escorraçado pela polícia em Pernambuco [risos] ele fez abertamente política partidária! Ele fez abertamente política partidária! Com certeza!”.⁸³ Vale esclarecer que essa política partidária do padre Elias não se insere no sentido de uma candidatura para pleitear algum cargo político; como foi o caso dos padres Marcolino Francisco de Souza Madureira e Urbano Galvão Dhon, que em Coité se inseriram na política partidária.⁸⁴

Nesse sentido, constata-se que essa postura política do padre Elias, ela tende a aproximar de uma linha de esquerda, socialista, que o levou a apoiar o Partido dos Trabalhadores em Coité. Ele jamais foi candidato, até porque é clara a decisão da Igreja quanto a isto, para uma vida na política partidária, o clero deve se manter oficialmente afastado, no entanto, não proíbe a incorporação dos leigos na política. Como afirma Betão: “O

⁸² Entrevista concedida por Lucivam Lopes em 21 de setembro de 2014.

⁸³ Entrevista Concedida pelo Pe. Luiz Rodrigues Oliveira em 22 de agosto de 2014.

⁸⁴ Ver MIRANDA, Cristian Barreto, **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996**. Conceição do Coité Dezembro/2009, p. 14. In: OLIVEIRA, Vanilson. **Conceição do Coité e os sertões dos Tocós**. Conceição de Coité: Clip Serviços Gráficos, 2002.

velho dava total apoio as candidaturas, sempre falava nas reuniões pra voltar os olhares para os candidatos que tinham participação ativa na igreja”.⁸⁵

Arivaldo e Betão representam a Igreja!
Na câmara municipal a Igreja Católica está representada por esses vereadores que honram os poucos votos conscientes e livres que desse município. Com uma fiscalização cerrada eles vêm mostrando que vale a pena ser honesto. O apoio do PT tem sido incondicional na luta por uma administração transparente e voltada para os interesses dos mais pobres.⁸⁶

Com vimos, o Livro de Tombo da paróquia, contém anotações que o padre Elias fazia questão de registrar esses acontecimentos na cidade, demonstrando seu total apoio a candidaturas de pessoas, fiéis leigos, para ocuparem cargos majoritários no governo. Padre Elias acredita ser totalmente viável que alguém vindo de dentro da igreja possa entrar na política, no sentido de ocupar estes espaços para defender os interesses do povo junto ao poder público. Notamos a maneira como padre Elias não só apoiava, mas, estimulava a incorporação dos leigos na política. Principalmente de lideranças, membros das pastorais e movimentos, ligadas a Igreja Católica em Coité, pessoas como Arivaldo Mota, Betão do PT, e jovens como Serginho da PJ, se destacaram na política local.⁸⁷

Para padre Elias, “a Igreja ainda precisa estar mais voltada para o bem em comum da sociedade”. Essa política do bem comum, defendida pelo padre Elias trata-se de uma prática social consistente, que faça valer os direitos dos cidadãos. Por isso, quando se percebe a participação da Igreja de Coité junto a outros setores organizados da sociedade civil, se dá com o objetivo de fortalecimento de um determinado movimento social. Nota-se também que toda essa movimentação desses agentes pastorais, era de pessoas, geralmente vindas das bases dos setores populares, como das CEBs, dos grupos sociais, das associações, dos sindicatos. Pois como reforça Frei Betto,

⁸⁵ Entrevista concedida pelo Atual-Vereador de Conceição do Coité, Betão, 20 de setembro de 2015.

⁸⁶ Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, p. 105.

⁸⁷ 1) **Arivaldo Ferreira Mota**; membro ativo da Igreja Católica na Paróquia de Coité foi um dos fundadores e presidente do Partido dos Trabalhadores em Conceição do Coité; eleito vereador pelo PT em 2000; e em 2004 lançou a candidatura como vice-prefeito. 2) **Adalberto Pinto Gordiano (Betão)**, é membro ativo na Igreja de Coité, participou do grupo de liturgia e participa do MCC (Movimento de Cursinhos e Cristandade); e atualmente está vereador pelo município, já no seu 4º mandato. 3) **Antônio Sérgio Pastor (Serginho da PJ)**, também membro ativo na Igreja de Coité, foi coordenador da Pastoral da Juventude, concorreu em 2000 para o cargo de vereador, mas não venceu as eleições naquele ano. Atualmente é Vice-Diretor da Instituição de Ensino Educandário Divino Mestre de Conceição do Coité.

A terceira etapa é o fortalecimento do movimento operário. Muitos membros das comunidades, da cidade e do campo, participam da Oposição Sindical e dos sindicatos autênticos, procuram valorizar o sindicato como verdadeiro órgão de classe, atuam nas greves e lutas de suas categorias. Agora surge uma quarta etapa, a da reformulação partidária: a busca de novos canais de expressão política para a sociedade civil brasileira.⁸⁸

Dessa forma, Pe. Elias ao apoiar a inserção dessas pessoas na política, na vida pública da cidade, ajuda a trazer para a comunidade de fiéis novas possibilidades de evangelização. A busca desses novos canais de expressão política, ligados aos sindicatos, aos movimentos sociais, resultou numa parceria entre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultura Familiar (SINTRAF) de Conceição do Coité e Igreja Católica, que proporcionou um maior surgimento dessas lideranças, não só pastorais como também políticas. Esta parceria, Igreja e Sindicato, resultavam na realização de eventos que sempre se configurava de maneira a chamar para uma reflexão sobre a realidade. Como uma Missa, celebrada no Dia Internacional da Mulher, seguida de uma caminhada com apresentações teatrais e outras atividades. A caminhada tinha como objetivo

[...] reivindicar do poder público um projeto de lei que inserisse o dia 08 março no calendário municipal como feriado, já que este dia ainda não era um feriado no município de Conceição do Coité, como já era em outros lugares. Vale lembrar que não era este o único objetivo desta celebração. A missa presidida pelo Pe. Elias teve a participação de 90% de mulheres trabalhadoras rurais.⁸⁹

Ao tratar da participação das mulheres, percebe-se também uma preocupação por parte destes grupos, com as outras categorias de trabalhadoras de Coité – “será que as outras mulheres não se sentem homenageadas neste evento? Não podemos nos esquecer de que a condição da mulher na sociedade é a mesma, seja ela bancária, comerciária, secretária, professora e etc... cabe a reflexão!”⁹⁰ Isso mostra que mesmo com as mobilizações sociais que tinha o intuito de envolver a sociedade no seu todo, ainda era um desafio muito grande para colocar em prática. Exigia muito de uma conscientização social, que a Igreja, mesmo em parceria com o Sindicato e outros grupos ainda não davam conta.

As Escolas de Formação Cristã ou Escolas de Teologia, que na verdade se tratavam de um curso de formação cristã que ganharam esse nome de Escolas. Estes cursos tinham um período de dois anos, e serviam como espaços de formação. As turmas eram formadas por

⁸⁸ BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Abril Cultural, 1985, p. 08.

⁸⁹ Jornal, **O Mensageiro**, ano VII – Número LIII Conceição do Coité – BA - março de 2001, p. 03.

⁹⁰ Idem.

jovens em sua maioria, e adultos ligados a Igreja Católica abrangendo toda a Arquidiocese de Feira de Santana, e a Diocese de Serrinha que se espalhavam pelas paróquias.

Na paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Coité, a *Escola de Formação Cristã – Fé e Vida – Ir. Marina Roseli* foi um meio pelo qual a Igreja de Coité encontrou para dar continuidade ao projeto de formação das lideranças leigas. Esta formação tinha um objetivo mais abrangente, que ia além do campo religioso, dentro do campo religioso tinha toda uma dimensão política, com o principal objetivo de auxiliar na formação cidadã. Padre Elias explica a importância que foi dada a essas Escolas de Formação, deixando claro que essa formação não era apenas uma formação política do cidadão.

A formação de modo geral, a formação das lideranças, dentro da formação, tinha a formação política. Mais o lado de formação... por que veja: quando um jovem como você faz uma escola de teologia em feira de Santana, você vai ver uma formação geral, não é só uma formação religiosa. A escola da arquidiocese, ou as escolas de teologia que nós temos na diocese, elas não visam só o religioso, elas visam o social, o político e o religioso dentro de um mesmo aspecto. Do religioso você ver isso.⁹¹

O padre Elias reunia pessoas de grupos, pastorais e comunidades e dava toda condição para que estas pessoas pudessem participar dessas escolas de formação a nível paroquial e diocesano. Com esse mesmo intuito, verifica-se que a prioridade dada pelo padre Elias para a formação de lideranças leigas era uma das maiores características da sua ação social e pastoral dentro da Igreja de Coité. Era uma educação religiosa contextualizada com a vivência comunitária tendo em vista a educação política e cidadã.

[...] Qual foi foco que eu dei? Mais forte, que não era novidade, já tinha com pe. Luiz, mas eu firmei mais: a formação! A formação com certeza eu continuei, mas de uma maneira mais firme, mais abrangente, [a formação política? Grifos meus], não! A formação de modo geral, a formação das lideranças, dentro da formação, tinha a formação política... Mais o lado de formação. Por que veja: quando um jovem como você faz uma escola de teologia em feira de Santana, você vai ver uma formação geral, não é só uma formação religiosa. A escola da arquidiocese, ou as escolas de teologia que nós temos na diocese, elas não visam só o religioso, elas visam o social, o político e o religioso dentro de um mesmo aspecto.⁹²

As estas Escolas de Formação que abrangiam toda arquidiocese e em algumas paróquias da diocese de Serrinha, eram tomadas como uma ação de fortalecimento das

⁹¹ Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

⁹² Idem.

lideranças nas comunidades. Pelo que Pe. Elias argumenta a paróquia de Coité assume enquanto “prioridade nessa formação, na esperança que os participantes ajudarão na formação de outras pessoas na paróquia, acreditando na capacitação dessas lideranças”.⁹³ O que mostra o lado descentralizador no qual pensa Pe. Elias à medida que investe nos leigos que não fazem parte do clero. Nota-se uma vontade de conduzir uma igreja mais popular.

A partir do século XX, novas comunidades de base se multiplicaram, muitas delas impulsionadas pela Teologia da Libertação. Mas, a partir do novo século (XXI), essa corrente teológica sofreu uma transformação na sua chave marxista de interpretação. Diversos autores abordam essa temática retratando o aprimoramento de uma nova visão sobre a prática religiosa do catolicismo. Michel Lowy considera ter havido nos últimos anos algumas mudanças teológicas, considerando o surgimento de novas temáticas na contemporaneidade, e que por isso houve “uma diluição da chave marxista” de interpretação dentro da Igreja.

Lowy fala que essa mudança exigiu uma "atualização do Evangelho" pela Igreja que entra no âmbito de uma teologia mais plural a partir do contexto histórico do catolicismo latino-americano. Na visão de Lowy houve uma transmutação para o que ele chama de "Cristianismo da Libertação" porque ampliou seu campo de atuação, vai além de concepções marxistas, visa desenvolver a Igreja, atualizar por um novo jeito de ser igreja. Que somente será possível através da participação dos sujeitos que vivem sua história, que atuam não mais como meros sujeitos passivos, mas, como agentes transformadores de uma realidade em questão. Assim, dessa diversidade, aparecerão tanto as lideranças religiosas, como padres, quanto o fiel, pois são estes que constroem a História a sua volta.

Ao possibilitar a presença sua diversidade e pluralidade, a Igreja não poderá mais ser compreendida de maneira simplória dentro seu agir na sociedade. Pois, ela não se restringe mais a uma concepção homogênea sobre as relações humanas. Os fatores políticos e sociais que seus fieis, agentes de pastorais, liderança trazem, não permite concebê-la de maneira unificada. Mesmo considerando seu aspecto religioso, que é próprio da fé, sempre vai haver correntes divergentes, seja das concepções teológicas ou políticas que irão compor a Igreja num contexto plural.

Nesse sentido, nota-se que padre Elias compreende essa diversidade dentro da Igreja, pois ao invés de hostilizar suas práticas sociais e culturais, sustentando uma ilusória unidade

⁹³ Jornal, **O Mensageiro**. Ano VII – Número XLIX – Conceição do Coité – BA. Abril de 2001, p. 05.

da Igreja, ele procura abrir espaço para que tais correntes possam se manifestar, seja na e com a Igreja ou com a sociedade civil.

Desse modo, quando padre Elias começa a trabalhar e manter o apoio às lutas contra a monopolização do poder político local, ele acaba criando um entrelaçamento entre a Igreja com os movimentos sociais, no intuito de unir as forças em prol de um objetivo comum. Porém, se por um lado o padre Elias quisesse levar a igreja para uma maior participação popular junto às questões relativas às políticas públicas, por outro, o apoio aos setores que faziam oposição ao poder público na época, resultou inevitavelmente numa tendência ou preferência ‘partidária’, mesmo que no exercício de seu ministério sacerdotal procurasse evitar que essa preferência viesse à tona, ela acabou se mostrando devido seu claro apoio ao padre Luiz e a sua participação nos movimentos sociais de oposição a esse poder.

Sendo assim, esta postura crítica e de mudança assumida por estes padres, sem dúvida trouxe para o meio do povo católico coiteense, muitas inquietações, que certamente geraram *encantos e desencantos* dentro da Igreja. A figura do padre que antes era vista pela maioria dos fieis como um “homem do sagrado”, imbuído apenas de cuidar das “coisas do alto”, é agora reconstruída por uma nova figura humanitária, crítica e, sobretudo política, dentro do catolicismo coiteense.

CAPÍTULO II

2. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL E SUA INFLUÊNCIA NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO COITÉ.

Ao analisar alguns componentes políticos da atuação da Igreja Católica no Brasil, concluiu que “os estudos sobre a participação política da Igreja diante das relações de poder entre Igreja/estado tem sido uma constante nas Ciências Sociais, principalmente na área de História, Sociologia e Ciência Política”.⁹⁴ Para Azevedo, essa legitimidade religiosa e política desempenhada pela Igreja Católica “foi o resultado de um longo processo que acompanha a

⁹⁴ AZEVEDO, Dermi, **A Igreja Católica e seu papel político no Brasil**. Estudos Avançados. On-line version – São Paulo Sept./Dec. 2004, p. 01. DOSSIÊ RELIGIÕES NO BRASIL. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a09v1852.pdf> Acesso em: 29/11/2013.

história do Brasil desde a época colonial em 1500”. Seu envolvimento com o meio social, político, econômico e cultural, manteve as bases das relações de poder, ligando a Igreja ao Estado. O poder aí estabelecido teria proporcionado um modelo de catolicismo subordinado ao Estado.

Vários autores, que também se dedicam a estudar o papel social da Igreja Católica no Brasil, mostram como essa interpelação fora acontecendo dentro do Catolicismo. Em *“Igreja – Estado: Catolicismo brasileiro em época de transição”* (1970) Bruneau destaca que essa influencia de fatores políticos na transformação da Igreja no Brasil, se dá devido “os intercâmbios entre o catolicismo e a sociedade, no contexto do pós-Segunda Guerra, e o processo de abertura durante o regime militar em 1964”.⁹⁵ Explicando que, só a partir da segunda metade do século XX, foi que a Igreja Católica a fim de atender aos ditames do Concílio Vaticano II, sentiu a necessidade de se aproximar mais dessa questão, passando a considerar pertinente a questão política, se colocando a favor da causa da justiça social na defesa dos pobres e oprimidos.

Nesse sentido, enxergar a presença da Igreja Católica no seu sentido mais progressista em Conceição do Coité, é antes de tudo, enxerga-la através de seus líderes religiosos. Tanto padre Luiz quanto padre Elias, fizeram com que a igreja local se mostrasse mais atenta para essas questões político-sociais. Fazendo uma comparação entre ambos, se percebe algumas semelhanças que ajudam a compreender melhor o processo de mudanças na Igreja de Coité.

Padre Luiz apesar de ter vindo também de família simples e pobre, o fato de ter tido a oportunidade de avançar mais nos estudos, faz dele um homem com um discurso religioso mais sofisticado, intelectual, embora místico, é pautado para um contexto mais próximo das realidades humana, com o lado social à medida que incentiva uma participação mais ativa dos pobres na Igreja. Para Pe. Luiz, “quando a religião se distancia do concreto, ou seja, tece um olhar apenas místico sobre as coisas, ela pode tornar-se muito mais ideológica e alienadora do que transformadora”. Vale ressaltar que, não se trata de descartar o lado divino próprio das religiões que envolvem as questões de fé, e de invocação ao sagrado, mas sim, de mostrar como esse mesmo discurso religioso contextualiza-se sobre as realidades terrenas, lugar primeiro do reino de Deus.

[...] então, o discurso da Igreja é um discurso ético e moral sobre uma realidade existencial, realidade humana, não um discurso etéreo para o paraíso, eu não falo a

⁹⁵ AZEVEDO, Dermi, **A Igreja Católica e seu papel político no Brasil**, 2004, p. 109.

anjos, a minha pregação não deve ser dirigida aos anjos, aos santos, eles não me escutam, eles não precisam de mim, quem me escuta é você, quem precisa de mim é você; você que está precisando de um médico para a sua saúde, de seu corpo, você que está precisando de um emprego para a sua dignidade como cidadão, você que está precisando de uma escola para se desenvolver socialmente. Então quem precisa do meu discurso, do meu incentivo, da minha orientação é você, não são os anjos e os santos eles não precisam mais de mim. Deus não precisa de mim, o céu não precisa de mim, lá não há mais necessidade de nada, porque que agora que eu tenho que está pregando para o céu, eu tenho que pregar para você aqui na terra para que você faça desse mundo um espaço saudável para as pessoas viverem. Isso não é materialismo, isso é cristianismo! Que é um discurso de Deus sobre o homem, a partir do próprio homem que Deus se fez na pessoa de Jesus Cristo na encarnação. É claro que esse é um discurso teológico que o nosso “povinho” da comunidade não entende.⁹⁶

Pe. Luiz enquanto sujeito filosófico, como estudioso, não deixa de ser um homem do clero, isso implica discorrer um discurso mesmo que voltado para as experiências concretas do ser humano, fica presente sua concepção do sagrado. Se para ele o discurso da Igreja não está apenas ao paraíso, percebe que o fato de sustentar esse discurso sobre uma realidade existencial humana, remete a que a Igreja não o executa de maneira larga nos bancos das Igrejas. A sua trajetória nos bancos universitários da Igreja Católica dentro e fora do Brasil, fez dele um intelectual, mas, nos deparamos que seu discurso sobre a essência da religião está numa realidade existencial humana, claramente presente na sua fala.

O direcionamento do discurso evangelizador para os homens e mulheres enquanto sujeitos presentes e responsáveis por sua história, e não para os anjos e os santos, como quer parte da Igreja, mostra uma visão transformadora do padre a partir de um lugar social. Revela que a verdadeira evangelização e os ensinamentos para uma vivência cristã devem tomar como prática do evangelho, uma ação pré-celestial, ou seja, uma construção do reino de Deus a partir daqui. O fato de considerar que “Deus não precisa de mim” revela um discurso centrado no homem. É um discurso de caráter libertador, se analisado na sua profundidade. Mas, também, por outro lado restringe tais ensinamentos aos espaços acadêmicos, às suas aulas de Antropologia Teológica nos seminários, e por isso, não há como estabelecer aí em sua totalidade o processo de abertura proposto no Concílio Vaticano II.

Para padre Luiz esse discurso não se desenvolve como prática libertadora na consciência do “povinho” da comunidade, pois ele não está preparado para entendê-lo. Entretanto, isso demonstra uma metodologia mais intelectualizada do que verdadeiramente popular, dificultando sua abrangência, e sua práxis. Entretanto, tudo isso, trata-se de uma interpretação destoante das costumeiramente aplicadas nas homilias nas Igrejas. É uma

⁹⁶ Entrevista concedida pelo Pe. Luiz Rodrigues Oliveira em 22 de agosto de 2014.

interpretação complexa, e que por isso, como afirma o padre, fica presa nos bancos das faculdades de teologia, pois a própria Igreja que ensina seus líderes, não difunde aos seus fieis, pois não acredita na capacidade de análise crítica dos mesmos.

Padre Elias que por não dispor de saberes avançados no mundo intelectual, embora o tenha como padre, pois passou também por um processo formação, utiliza de outros mecanismos para a prática do seu discurso. Acredita na força organizada do povo, que com seus saberes, sua cultura e sua insistência em participar da sociedade ao seu redor, manifesta sua resistência, através da compreensão de sua realidade, e de sua própria fé. Padre Elias optou pelo lado do social, que se formou num contexto em que se vivia no Brasil um regime ditatorial a partir de 1964. Período ao qual estava em curso sua formação sacerdotal, o que demonstra que sua afinidade para com essa linha de pensamento socialista, pode ter sido despertada a partir daí.

Eu trabalhei em colégio católico Salesiano, o que é que nós tínhamos, nós tínhamos uma ajuda do governo, então isso não era política – Mas, no momento em que eu reunia os professores, e vamos fazer um movimento, vamos fazer alguma coisa, por uma luta social, aí, eu era comunista.⁹⁷

Aqui o incomodo por parte daqueles que detém o poder de dominação política ou religiosa, se dá na medida em que alguém começa trazer elementos para um novo discurso, que é agora crítico e sobre uma realidade social. Para estes, o trabalho pastoral dá uma maior atenção ao ato da caridade, mas não se envolve diretamente numa luta libertária. Essa práxis libertadora da fé utilizada por estes padres, que proclama um Jesus Cristo Libertador, não quer comprometer-se apenas com a libertação espiritual do homem, mas, também econômica, social e política dos grupos oprimidos e dominados. Pois, como afirma Boff, “nasceu como exigência da fé concreta de cristãos que se sentiram, em consciência, convocados a ajudar e superar uma situação humilhante para seus irmãos e que encontraram em Jesus Cristo impulsos de libertação”.⁹⁸ Para tanto, percebe-se que estes padres tomaram a prática evangelizadora voltada para o social, não somente por convicção, mas, também por assimilarem seu próprio lugar social e ideológico, vendo a própria Igreja com um espaço de realização.

⁹⁷ Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de Maio de 2013.

⁹⁸ BOFF, Leonardo, **Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo**. Petrópolis, Vozes, 1986. 240p. (Teologia, 2) p. 17.

Uma coisa que você tem que ser fiel é dizer: tanto padre Luiz quanto o padre Elias são no aspecto ideológico, tendentes, tem uma aproximação com a linha socialista que se chama de esquerda no Brasil – Realmente eu não tenho afinidade com a direita, então nós temos tanto eu como o padre Elias, nós temos uma afinidade com a esquerda. Com aquilo que se convencionou chamar de esquerda, socialismo, pronto. Que, o socialismo em linhas gerais tem muito a ver com o cristianismo. O cristianismo é uma proposta social e até comunista disse-a.⁹⁹

Então estes padres em Conceição do Coité, tanto padre Luiz quanto o padre Elias entendiam que seu campo de atuação enquanto clérigo, professor de teologia e sujeito social, se dava no sentido de um serviço religioso para o social. Um não se distanciava do outro, e se ver isso no seu modo de conduzir os trabalhos na Igreja, pois suas vidas e sua ação pastoral partem deste princípio. Do qual ver algumas características semelhantes com o jeito missionário do padre Elias.

Foi nesse movimento de ideias e concepções a acerca de uma realidade, que jovens lideranças de comunidades, grupos e movimentos, se colocaram a favor de uma práxis religiosa numa dimensão política libertadora. Jovens lideranças de comunidade, e de grupo de jovens, como Antônio Marcos (Tony), demonstra claramente que as impressões criadas e o tipo de formação teológica, social e política que teve com Pe. Elias demonstra um engajamento pastoral extremamente político, na sua relação com outros grupos e fieis.

[...] enxergar Pe. Elias é completamente dentro da política, não da politicagem Pe. Elias desde os movimentos sociais [...] padre Elias já traçava seu perfil como padre junto com o povo, nos movimentos populares, na educação popular, nos sindicatos. E a paróquia começou a trilhar um novo caminho, primeiro pegou aquilo de bom que Pe. Luiz tinha semeado e a partir dali a gente percebeu uma igreja mais próxima dos pobres, uma igreja mais próxima do povo, que padre Elias tinha essa visão, o evangelho é para o povo e o povo é para a igreja e a igreja não vai ser nada sem o povo.¹⁰⁰

Então foram por estas e outras impressões políticas do clérigo, que se constituiu um posicionamento numa linha social, baseando sua interpretação do evangelho voltada para a formação política das pessoas. Dessa forma, o conhecimento sobre a dimensão religiosa é vital para que estes padres pudessem expressar suas ideias sociais fazendo a junção fé e vida. Ao tecer afirmações sobre a prática pastoral de Pe. Elias, Tony revela que de fato ele tem se aproximado dessa definição de Igreja popular, pois, toma a cultura do sertão com esteio metodológico de evangelização – visto que, os símbolos litúrgicos, como as plantas

⁹⁹ Entrevista concedida pelo Pe. Luiz Rodrigues Oliveira em 22 de agosto de 2014.

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Antônio Marcos Carvalho de Pinho em 09 de outubro de 2014.

características da caatinga, como, (gravatar, mandioca, milho, feijão) utensílios domésticos e agrícolas (enxada, facão, chapéu de palha, urupemba) trazidos por ele para dentro dos ambientes celebrativos, inseriam os pobres como os protagonistas do reino de Deus, na luta por justiça e igualdade.

Evidentemente, que tais aspectos são características de uma igreja fundada das bases populares, vivenciada pela sua própria cultural local, da qual padre Elias buscava esse resgate voltando seu trabalho para as comunidades eclesiais de base em Coité. O que nos leva neste momento é percorrer os caminhos trilhados por elas, a fim compreender como se deu o surgimento e constituição dessas comunidades ao redor da paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, tal como eram conduzidas pelos seus chefes religiosos, e em quais perspectivas cultivavam sua fé a luz da Palavra de Deus.

2.1 Características das CEBs na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité e a perspectiva da Teologia da Libertação.

Grande parte da Igreja Católica no Brasil, conduzida pela CNBB passa a ter uma atitude mais radical no seu modo de evangelizar. Tomando a causa da justiça social e a opção pelos pobres como prioridades, a Igreja a luz do Concílio Vaticano II, começa a se voltar para suas bases dando mais vez e voz aos movimentos populares, pois a partir deles começam a surgir as CEBs (Comunidade Eclesial de Base). Com o crescimento desses setores populares nas suas mais diversas características da cultura local e da realidade social, abriu condições desafiadoras dentro da própria Igreja Católica na América Latina, para o surgimento de pequenos grupos organizados que a luz do evangelho buscava vivenciar uma prática eficaz da fé na transformação histórica das estruturas sociais.

Em sua teoria, a Teologia da Libertação, partir de um conjunto de escritos produzidos desde os anos 70, por vários teólogos latino-americanos, surgiu de uma práxis, de uma necessidade do povo pobre e oprimido de se libertar da opressão.¹⁰¹ “A Teologia da Libertação surgiu a partir das diversas experiências múltiplas de comunidades religiosas, grupos e pastorais sociais no mundo, que interpretam por uma fé o direito digno à justiça e a

¹⁰¹ Lembrando os mais conhecidos: Gutiérrez (Peru), Hugo Assmann, Rubem Alves, Leonardo e Clodovis Boff, Frei Betto (Brasil), Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría (El Salvador), Segundo Galilea (Chile), Ruben Dri (Argentina), Enrique Dussel (México).

igualdade social”.¹⁰² Portanto, são os próprios teólogos da libertação que dizem que seus escritos vêm depois de uma experiência com os pobres inspirados por uma fé.

A teologia da libertação é ao mesmo tempo, o reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre ela; mais precisamente a expressão e legitimação de um vasto movimento social que surgiu no início dos anos 60; bem antes das novas obras de teologia. esse movimento compreendia-se setores significativos da igreja, como padres, ordens religiosas, e bispos, movimentos religiosos laicos como Ação Católica, Juventude Universitária Cristã (JUC) Jovens Trabalhadores Cristãos, intervenções pastorais de base popular, como Pastoral Operária a Pastoral Camponesa e a Pastoral Urbana e as comunidades eclesiais de base.¹⁰³

Michael Lowy, estudioso contemporâneo do marxismo e da teologia da libertação entende que TL é mesmo o produto espiritual desse movimento social. Procura evitar reducionismos enfatizando a complexidade e heterogeneidade desses movimentos, pois longe de ser apenas um discurso social e político é uma reflexão religiosa e espiritual sobre sua práxis. Lowy mostra que, sendo esse vasto movimento anterior a TL, e seus agentes não conceberem formação teológica, esse conceito torna-se inadequado. O que ele sugere para essa multiplicidade de segmentos de inclusão social e religiosa quanto à prática da fé, vai além de uma Igreja Institucional, é o que ele chama de “Cristianismo da Libertação”. Pois, eles próprios, os pobres, é que tomam uma atitude libertadora, enquanto sujeitos sociais e agentes da sua história.

Gustavo Gutiérrez, que foi bispo do Peru, e um dos primeiros teólogos da libertação da América Latina, em seu livro *A força histórica dos pobres*, afirma que o aspecto da TL se dá de modo radical. Para o autor, no que se refere ao aspecto religioso a TL é antes, uma reflexão teológica na dimensão libertadora, pressupõe repensar o ser-cristão, o ser-igreja. E acrescenta:

Mas, como já frisamos o que entendemos aqui por teologia da Libertação pressupõe uma relação direta e precisa com a práxis histórica – e essa práxis histórica é uma práxis libertadora – é uma identificação com os homens, as raças e as classes sociais que sofrem miséria e espoliação, é uma identificação com os seus interesses e combates – trata-se de uma inserção no processo político revolucionário, para a partir dele viver e anunciar o amor gratuito e libertador de Cristo.¹⁰⁴

¹⁰² GUTIÉRREZ, Gustavo, *A força histórica dos pobres*. Tradução Álvaro Cunha 2ª Edição, Vozes-Petrópolis, 1984, p. 98.

¹⁰³ NASCIMENTO, Joelton, Minidocumentário, *O que é a teologia da Libertação da série "ABC da Subversão"*, Texto: LOWY, Michael, *Marxismo e Teologia da Libertação* – São Paulo, Ed, Cortez, 1991, (pp. 25-28). Disponível em: www.youtube.com/watch?V=dgtbvfrmj1c, acesso em: 28/10/14

¹⁰⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo, *A força histórica dos pobres*. Tradução Álvaro Cunha 2ª Edição, Vozes-Petrópolis, 1984, pp. 96-97 e 103.

Embora não se possa afirmar que padre Elias tenha trilhado a Igreja de Coité numa perspectiva radical da Teologia da Libertação é inegável que ele sempre procurou importar alguns valores ligados à ideologia teológica libertadora. A busca de uma reflexão a partir do contexto social, a insistência em trazer para a Igreja, para a liturgia (ritos) aspectos do cotidiano, da vida do povo sertanejo, e o resgate das culturas oprimidas, fez com que a Igreja de Coité repensasse a sua práxis, não só do seu sentido religioso, mas também político e social.

Nesse sentido, não se pode ainda afirmar que a Igreja de Coité tenha vivido uma perspectiva semelhante a da Teologia da Libertação, certamente se configurou de modo diferente, talvez em alguns aspectos, se olharmos pelo lado popular e cultural, pois tanto padre Luiz quanto padre Elias buscou aproximar a Igreja de Coité, e seus fieis, daquilo que Lowy vem chamar de Cristianismo da Libertação. Pois, parte da comunidade católica da paróquia de Coité pôde compreender qual a missão destes padres, afirmando:

Sim, combates o bom combate quando ajudastes a transformar a pluralidade social para melhor. Combatestes o bom combate quando não permitistes que a nossa Igreja fosse objeto de exploração; quando dedicastes a vida para melhorar a existência dos nossos irmãos mais humildes. Lutaste pela organização dos grupos e movimentos, pela educação e principalmente pelo pastoreio [...] Combatestes o bom combate, mas não terminastes a carreira e nem guardastes a fé, ainda há muito por fazeres.¹⁰⁵

As CEBs no seu contexto histórico assim como fizeram um movimento de resistência à ditadura militar nas décadas 70-80, são um dos setores da igreja que ainda resistem ao conservadorismo institucional clerical da Igreja moderna, pois trazem em si traços de suas culturas, em meio ao contexto frenético da globalização e da massificação.

Ao analisar o contexto de atuação do catolicismo no município de Retirolândia na Bahia, a autora Táfila Sinara Santana trata sobre a importância e a força que as comunidades do meio rural desempenharam através de métodos ligados a TL de conduzir suas reuniões e encontros, em associações e na igreja, como forma de “superação dos entraves provenientes do regime militar”.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Jornal, **O Mensageiro**. Ano VII – Número XLIX – Conceição do Coité – BA. Fevereiro/2001, p. 01.

¹⁰⁶ SANTANA, Táfila Sinara dos Santos, **Atuação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e participação popular: Estudo das Experiências Vividas no Município de Retirolândia de 1974 a 1985**. Monografia apresentada na Uneb – Campus XIV – Conceição do Coité – BA, 2014, p. 43.

Neste aspecto percebe-se que esse tipo de resistência se dava por conta da condição de exploração da mão de obra, no território do sisal. Segundo a autora, estas comunidades se organizavam para discutir seus problemas, em busca de soluções concretas, “os membros das CEBs começaram a agir contra a *opressão* identificada nas condições de vida de cada um”.¹⁰⁷

A constituição das CEBs era o foco principal do ideal teológico de libertação e de integração política da Igreja, tanto discutido pelo Concílio Vaticano II. Nas décadas de 70 e 80, a maneira como se desenvolvia as CEBs na região do sisal, remete um pouco sobre o que Lowy vem dizer sobre CEBs, “o cristianismo da libertação mantém uma presença importante, dentro das comunidades de base, das pastorais populares, dos movimentos leigos ou das redes como Fé e Política”, principalmente no Brasil.¹⁰⁸

Outro dado importante em trabalhos que abordam essa temática são as observações que alguns autores utilizam das análises que Frei Beto sobre CEBs. Para Beto, “as Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural) por iniciativa de leigos, padres ou bispos”.¹⁰⁹ O que mostra uma diversidade de concepções, tal como, suas particularidades, maneira de viver a fé e suas realidades socioculturais.

Na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, o aparecimento das CEBs se deu a partir de 1980, com a chegada do padre José Antônio dos Reis (Padre Reis), mas ao que tudo indica não se caracterizava na perspectiva da Teologia da Libertação. Pois, como afirma Sampaio,

No trato com o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, que uma das principais preocupações da Igreja Católica desde o final do século XIX e início do século XX foi com a distribuição dos Sacramentos – Esta preocupação está inserida num movimento interno da Igreja conhecido como Romanização, ou seja, busca homogeneizar as práticas religiosas fazendo com que todos os católicos sigam as normas ditadas por Roma, sejam obedientes à Doutrina e no caso brasileiro, purgar a Igreja de todas as práticas devocionais populares que estejam em desacordo com a Doutrina, principalmente das devoções que recebam influências dos cultos africanos.¹¹⁰

¹⁰⁷Idem, p. 44.

¹⁰⁸LOWY, Michael, **A verdadeira Igreja dos pobres**. Instituto HumanitasUnisinos. 2013, p. 04. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518926-a-verdadeira-igreja-dos-pobres-artigo-de-michael-loewy>. Acessado em 14 de janeiro de 2014.

¹⁰⁹BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 1981, p.18. Disponível em: www.estef.edu.br. Acesso em 26 de fevereiro de 2014.

¹¹⁰SAMPAIO, Antônio Thiago Gordiano. **Construção do catolicismo em Conceição do Coité Da colonização ao primeiro centenário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité** – Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Licenciatura em História sob a orientação do professor Aldo José Morais. Conceição do Coité, 2010.

A vivência da doutrinação por meio dos sacramentos sempre foi a maior prática religiosa na Igreja de Coité, embora este aspecto fosse levado avante pelos padres, a partir de 1989, mesmo com a permanência da doutrinação da fé católica através dos sacramentos da Igreja, outras maneiras de lidar com as comunidades foram sendo posto em prática, como ações de cunho político e social.

Na paróquia de Coité nas décadas de 60, 70 e 80, as comunidades ainda não eram consideradas como CEB, pois as pessoas não se reuniam de modo constante na capela, mantinham suas devoções tradicionais e culturais de modo domiciliar nas chamadas noites de rezas. As celebrações na capela eram ocasionais, sempre em datas comemorativas onde a presença do padre era muito pouca.

Ainda não era comunidade eclesial de base, naquela época, até 1989, a gente só se reunia no máximo duas ou três vezes no ano, nas festas do mês mariano, Santo Antônio e na Festa do padroeiro [...] o padre vinha apenas celebrar missas, casamentos, batizados, alguns sacramentos.¹¹¹

Segundo padre Elias em Conceição do Coité “as CEBs que existem não são comunidades que se reúnem em torno da Palavra para uma reflexão comunitária e sócio-política do texto bíblico”.¹¹² Na visão do padre CEB seria a comunidade que procura vivenciar seu aspecto teológico de modo social. No entanto, mesmo as Comunidades de Base, que não vivem esta perspectiva da TL, isso não significa que elas não podem influenciar diretamente ou indiretamente na transformação da sociedade. Pode se ter uma ideia de como tal modelo de comunidade na região aparecia distante do modelo de CEBs ligado ao contexto da teologia da libertação. Cristian Barreto de Miranda, em sua monografia, traz de modo particular o esclarecimento sobre o surgimento destas comunidades eclesiais de base na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité.

[...] durante a administração do Pe. José Reis foram realizadas algumas mudanças que dinamizaram a comunidade religiosa. Tais como a formação dos leigos, despertando a descoberta de novas lideranças para a ação pastoral, estruturação de pastorais importantes para a paróquia, como também, iniciou a formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) na sede e nas zonas rurais do município, essas comunidades que foram incentivadas pelo Vaticano II e que tiveram importante papel para a redemocratização do país. Sr. Nilson comenta que as

¹¹¹Entrevista concedida em 10 de setembro de 2014, pela Sr.^a Josefa Pinho de Oliveira, 69 anos, Ex-dirigente de Comunidade, e moradora do povoado de Almas.

¹¹²Entrevista concedida pelo padre Elias em 17 de maio de 2013.

comunidades da zona rural começaram a serem atendidas com a chegada do padre Reis, que era muito organizado e dinâmico, antes essas comunidades não tinham uma profunda participação de se reunirem, celebrarem a Palavra. Com a motivação do padre Reis e a ajuda de alguns leigos, inclusive ele, começaram a serem fundadas as Comunidades Eclesiais de Base, que frequentemente motivava a participação dos fiéis nas Celebrações da Palavra, que animavam a vida das comunidades”.¹¹³

Dessa forma podemos ver que só a partir de 1989, com a chegada do Pe. Luiz a paróquia, quando nascia na Igreja um novo pensamento de participação social, é que as CEBs começaram a ter uma visão mais voltada para o social, embora ainda distante da perspectiva proposta pela Teologia da Libertação. No entanto, apesar de todo incentivo de inserir as comunidades através da formação das lideranças no contexto intereclesial, a fim de levar as CEBs a uma reflexão da sua própria realidade, padre Elias, afirma que a denominação Comunidade Eclesial de Base é muito exigente, e por isso não há hoje de maneira prática esse tipo de comunidade na paróquia de Conceição do Coité, “talvez em alguns lugares na Diocese de Serrinha, um pouco na paróquia de Teofilândia, um pouco em Riachão, em Ichú mais que nas outras”. Segundo ele, na essência CEBs, seria:

Um grupo de pessoas que vivem em comunidade, de certa maneira com lideranças leigas, cujo foco maior é a bíblia, e, a vida social, sociopolítica. Nela quem mais aparece é o leigo, não é o padre [...] nós temos hoje em Coité comunidades cujo foco principal é a missa.¹¹⁴

No trato com as fontes escritas, o jornal O Mensageiro, fica nítido que o ideal integrador de participação das CEBs no processo político de inserção, era um anseio gerado na paróquia Nossa Senhora da Conceição. Entretanto, o desejo de algumas pessoas e do próprio padre Elias de tornar mais visível e prático o ideal e o sentido revolucionário das CEBs, parece não ter sido bem compreendido pela maior parte das comunidades da paróquia. O jornal O Mensageiro traz algumas informações ligadas as CEBs, como o incentivo à participação dos leigos de comunidades rurais e da sede, nos encontros regionais e diocesanos, como o Intereclesial das CEBs.

O jornal vem mostrando que algumas pessoas entenderam o propósito de padre Elias em querer trazer o verdadeiro sentido de CEB para a paróquia. Maria Gildacy da Comunidade de Salgadália – Distrito de Conceição do Coité, participou do 11º Intereclesial das CEBs em

¹¹³MIRANDA, Cristian Barreto, **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à Uneb Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, pp. 24-25.

¹¹⁴Entrevista concedida pelo padre Elias em 27 de maio de 2013.

Ipiranga – MG, em julho de 2005. Na ocasião, o evento reuniu cerca de “3. 806 participantes, entre eles, delegados, assessores, indígenas, convidados, leigos (as), religiosos (as), padres, pastores, pastoras, bispos Católicos e Anglicanos – pessoas vindas de outros países, incluindo a equipe de Articulação Continental das CEBs”.¹¹⁵ O trecho colocado no jornal O Mensageiro, enfatiza pontos importantes que esses grupos tentam colocar em prática na vida comunitária. Destaca aspectos do sentido real da vivência e da sustentação desse rico movimento intereclesial de base.

As CEBs fundamentam-se na Palavra de Deus, no Projeto do Ressuscitado, nos documentos da Igreja – Dentro de nossas Igrejas e das próprias CEBs notamos sinais de exclusão em contraste com o projeto de Jesus, que nos propõe tornar presente na sociedade – Constatamos a necessidade de conversão, de acertar o passo entre teoria e prática no cotidiano da vida, à luz da palavra de Deus – assim, acreditamos na vocação profética das CEBs, contribuindo para que a Igreja se torne mais acolhedora, inclusiva nas relações de gênero, uma Igreja participativa, unida no respeito à diversidade missionária e defensora dos pobres excluídos”.¹¹⁶

O evento “tem como objetivo, refletir sobre as situações de exclusão vividas pelo povo, caminhar à luz da Palavra e do testemunho de Jesus, pobre entre os pobres”.¹¹⁷ Analisando o conteúdo do jornal, entende-se que padre Elias procurava estimular os leigos a ter esta compreensão, e levar para as comunidades essas experiências, capazes de desenvolver ações que legitimem a dignidade humana, e promova novos sujeitos capazes de contribuir com a construção de outro mundo possível.

Em sua gestão, padre Elias fez com que O Mensageiro tivesse uma maior visibilidade aumentando o número publicações e impressos na paróquia, objetivando expandir o informativo até as comunidades de base. Sem dúvida O Mensageiro tinha esse propósito, fazer com que as comunidades pudessem olhar para uma Igreja mais dinâmica, mais preocupada com as realidades, social, econômica, política, étnicas, culturais e religiosas. Dessa forma, percebe-se através das análises do jornal que, na época em que padre Elias foi pároco, a paróquia nunca deixou de manifestar e mostrar este lado social da Igreja, incentivando as comunidades para isto.

Em Conceição do Coité, tanto com padre Luiz quanto com padre Elias a igreja se mostrava mais atenta para essas questões político-sociais, pois estes padres apoiaram, incentivaram e promoveram movimentos sociais na cidade que proporcionasse o despertar

¹¹⁵Jornal, **O Mensageiro**, agosto/setembro – 2005 p. 02.

¹¹⁶Idem.

¹¹⁷Idem.

para uma nova consciência a respeito da vida do ser humano enquanto ser histórico, que necessita dos bens da terra para garantir a sua sobrevivência, e que esta sobrevivência seja digna. Em entrevista, padre Luiz afirma tanto seu posicionamento político-social quanto o do próprio padre Elias, é pautado nessa condição, de lutar pela dignidade humana, para tal, usam do poder religioso, não só através do discurso, mas da prática para reafirmar sua posição social.

[...] a nossa percepção da religião é na dimensão socialista! Do social, na busca pelo social. Porque o homem é um ser por excelência social, é alguém carente e tem necessidades a serem preenchidas e ele não pode viver na miséria Deus não quer vê ninguém na miséria Deus não aceita a situação em que um fique rico à custa dos outros, aquele discurso que os comunistas socialistas esquerdistas usam: “rico cada vez mais rico à custa, de pobres cada vez mais pobres”.¹¹⁸

No entanto, tal posicionamento acabou criando uma tendência partidária, pois em Coité a conjuntura política da época instigava para uma posição de contestação da igreja diante da situação encontrada, desde a chegada de padre Luiz, prosseguindo-se depois com o padre Elias. Por vim de uma linha de pensamento voltado para as classes populares, o padre Elias não podia tender senão para os movimentos sociais que aconteciam na paróquia. Na época tais movimentos, muitos encabeçados pelo sindicato dos trabalhadores rurais, tomavam força e mantinham firme a clara oposição ao governo municipal.

O padre Elias em entrevista afirma que “é muito difícil orientar politicamente o povo, sem ser tendencialmente partidário, mas é o que orienta a Igreja, para não deixar-se envolver pelo partidarismo” – e o PT que na época que fazia oposição foi sendo o partido que podia incorporar essa luta com a igreja, algo historicamente construído no Brasil.

Foi com padre Luiz e depois de padre Luiz foi a minha também que foi continuação dele, mas não no sentido de que, vamos criar um partido dos trabalhadores, não! Foi formando as pessoas, e a consciência crítica das pessoas a ponto de dizer nós temos que nos opor a esta situação, e como oposição o partido melhor é esse aí... Eu acho... É claro que teve influência sim, diretamente também, isso nós não podemos negar. Não foi atoa que padre Luiz veio ai agora comemorar com todo o gosto, poder sentir que estava se colhendo um fruto de uma semente que foi plantada, em parte pela igreja de coité.¹¹⁹

Analisando esta fala do padre Elias fica claro a forte influência destes dois padres para o fortalecimento e ascensão do Partido dos Trabalhadores em Conceição do Coité. Ao analisar o jornal da paróquia pode-se perceber no contexto das notícias e os anúncios da paróquia a

¹¹⁸ Entrevista concedida pelo Pe. Luiz R. Oliveira em 22 de agosto de 2014.

¹¹⁹ Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

forte presença de pessoas ligadas ao partido dos trabalhadores se envolvendo nos acontecimentos da paróquia, tal como as entrevistas com diversas lideranças do PT local presentes no jornal, sempre voltando questionamentos sobre os problemas sociais da cidade e o compromisso com a manifestação popular.

Assim através da participação dos sujeitos na história, com o povo atuando não como meros sujeitos passivos, mas sim como agentes transformadores de uma realidade em questão. Ainda que estes necessitem sobremaneira do incentivo de lideranças religiosas, como padres, que ganham destaque junto ao povo na luta por dignidade e cidadania.

2.2 – A participação política da Igreja de Coité através das lideranças religiosas.

Em conceição do Coité a influencia da participação política da Igreja no Brasil, pode ser notada na ação dos padres que vieram para a paróquia, trazendo consigo novas perspectivas e projetos de ação. O Sr. Nilson Carneiro, leigo fiel, e que foi motorista durante muitos anos na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité, fala um pouco sobre a formação das CEBs na paróquia. Acompanhado sempre de perto a trajetória histórica de muitos párocos na paróquia de Coité, fala sobre as visões de alguns desses homens, tanto religiosas quanto sociais. Ele explica como a presença e o modo de agir de alguns padres poderá influenciar na formação do cristão, do leigo engajado, para que ele seja um sujeito mais atuante na sociedade como um todo. Destacando na sua fala as diferenças existentes entre líderes religiosos dentro da Igreja, que podem ou não ajudar nesse processo de conscientização social.

[...] pelo conhecimento que eu tenho depois que a Igreja se misturou um pouco... eu te falei nestante que tem padre melancólico, que gosta de alimentar a escravidão. E aí surgiu em outros padres uma linha de liberdade, que esta liberdade não é a Igreja, não é o padre que nos dá, já foi o próprio Cristo que diz que: 'eu vim para que todos tenham vida e vida em abundancia'! Então essa é uma plena liberdade que Deus deu não só a católico, Jesus nos libertou para todos! Todas as religiões [...], Então, essa vivença de comunidade na linha libertadora, querendo ou não ela existe! Porque cada um busca! [...] agora do outro lado tem gente que não tem um espírito fraternal, ai começa a se dividir na comunidade, começa a boicotar dois, três, quatro empregos, e os outros que se danem, então, a comunidade tem que fazer nascer ali uma consciência da igualdade social.¹²⁰

¹²⁰ Nilson Carneiro, Entrevista concedida em 16 de Dezembro de 2014.

Embora tenha relatado que essa liberdade cristã está mais ligada à fé, nota-se que o papel das igrejas e com ela, o papel das lideranças, os padres, bispos, coordenadores de grupos e pastorais, impulsionar ou não a luta por essa libertação humana mediante a atuação de alguns de seus representantes. Que ao assumirem um posicionamento crítico frente às mazelas sociais, desempenham um papel de interpelação social. Nesse sentido, podemos dizer que a igreja de Coité no período de atuação dos padres Luiz e Elias, adotou uma postura mais firme diante do contexto social, começou a atuar de modo que incentivasse a população tivesse oportunidades de protagonizarem seu destino. Dessa forma, verifica-se que essa linha de liberdade não é mais dada pelo padre, pela Igreja, mas, é trabalhada, desenvolvida, estimulada também por ela.

É por isso que Miranda vem desenvolver suas considerações, afirmando a importância da participação de cristãos na vida pública na paróquia de Coité a partir de 1989. Segundo ele, “a atuação desses membros católicos foram peças centrais para a alteração das relações políticas, proporcionaram mudanças a nível político e social, formando uma nova concepção da política no meio dessa comunidade”.¹²¹ Entretanto, mesmo que o papel da Igreja de interpelação social, parta da ação de alguma liderança religiosa, ela é apenas um dos caminhos em meio a tantos outros trilhados por lideranças leigas que surgem das bases de comunidades pobres e que por isso mesmo, desenvolvem um espírito de luta social.

A *Revista Perspectiva Histórica, Dossiê: Religião e Política* faz uma análise sobre a atuação de lideranças católicas junto ao CEAS (Centro de Estudos de Ação Social) da Bahia, no período da ditadura militar no Brasil, ressalta a importância do líder na condução dos trabalhos e das experiências vivenciadas junto ao povo, mostrando que, mesmo diante,

[...] do risco praticamente incontornável de distanciamento das direções em relação às bases nas organizações mais políticas, ele ressaltava a importância da presença solidária junto aos grupos nem tão organizados, do acompanhamento de iniciativas nem tão promissoras, nas perspectivas da construção de novas experiências igualmente portadoras de eficácia.¹²²

Sendo assim, é inegável dizer que algumas lideranças religiosas ao assumirem um papel como força de resistência e de contestação político-social pode auxiliar de modo

¹²¹ MIRANDA, Cristian Barreto, **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à Uneb Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, p. 01.

¹²² COSTA, Iraneidson Santos, **A eficácia de uma presença libertadora: A trajetória do padre Claudio Perani (1932-2008)**, 2011, p. 48.

positivo no processo de transformação social, a partir do lugar em que vivem. Como outros movimentos populares, o CEAS que surgiu na efervescência da ditadura militar, onde se mostra que na Bahia, vários setores da igreja católica atuaram na contramão de um sistema político corrupto, causador das desigualdades sociais.

Num documentário dos seus 70 anos de vida, Pe. Elias, diz que a “Igreja Instituição ela é invencível”.¹²³ Essa sua fala sobre a “invencibilidade” da Instituição Igreja Católica, lembrando o período difícil na época da ditadura militar, remete as dificuldades que teve de enfrentar, diante do conservadorismo do bispo da diocese de Recife-PE na década de 70. No entanto, mesmo sabendo de sua força de atuação e influencia da instituição católica, penso ser mais um exagero falar de invencibilidade da Igreja institucional, como quer afirmar padre Elias, pois o seu poder político não supera seu poder cultural e simbólico da religião. Pois como propõe Pierre Bourdieu, o poder simbólico é “o poder invisível o qual pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que Ihe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.¹²⁴

Assim, o catolicismo não compõe uma Igreja homogênea como ilusoriamente se tenta mostrar, mas divergente em si mesma. Entretanto, o que se deve pensar disso, é que não se trata de um jogo de disputa, entre vencidos ou vencedores, mas de perceber que essa heterogeneidade e diversidade de pensamentos e atitudes na Igreja Católica permitem que as múltiplas realidades de comunidades inteiras, se abram para diversas interpretações sobre a fé, e que vão além de interesses incomuns, sociais ou econômicos. Portanto, mesmo que ainda prevaleça o forte caráter conservador dominante na Igreja, isso não é determinante para impedir que tais transformações possam ir acontecendo, em seu interior, mesmo que de forma lenta e gradual.

Aqui sua pluralidade cultural permite que surjam resistências a este poder institucional da Igreja. Porém, não significa um total rompimento com a Igreja, as pessoas ao se organizarem utilizam várias outras maneiras para driblar seu estruturalismo clerical, tomando consigo as causas necessárias para que a justiça social venha acontecer. Percebemos isso na afirmação Lowy:

¹²³ Documentário – “Um Caminheiro do Sertão”: A vida e trajetória do padre Elias Cedraz, por Antônio Sérgio da Silva Pastor (DVD – Pe. Elias 70 anos, 20 de julho de 2014).

¹²⁴ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 08.

[...] os próprios pobres, tomam consciência de sua condição e se organizam para a luta enquanto cristãos, vinculados à Igreja e inspirados por uma fé. Considerar essa fé e essa identidade religiosa profundamente enraizada na cultura popular, como um simples invólucro ou roupagem de interesses sociais e econômicos, é cair em um tipo de atitude redutora que impede compreender toda a riqueza e autenticidade do momento real.¹²⁵

Assim, nota-se a importância e riqueza dessa cultura popular enraizada dentro do catolicismo, pois dela surgem às lideranças, que, de acordo com sua maneira de agir enquanto líderes junto ao povo ajudam no despertar para uma tomada de consciência da população, no que se refere ao papel do cidadão (ã) na sociedade. O líder vem do meio do povo, sem deixar de ser povo! É nesse sentido que ao serem questionados, alguns membros da igreja católica de Coité afirmaram como foi importante o trabalho desenvolvido pelo padre Elias na paróquia, como um mediador das ações, deixando sempre um espaço de diálogo entre os grupos e pastorais sociais. Segundo Lucivan Lopes, secretário paroquial, padre Elias se encaixa nessa perspectiva de liderança que motiva os seus fiéis a despertar para uma realidade vigente, ressaltando a sua importância na comunidade:

[...] se os padres por serem nossos líderes maior não tiver essa iniciativa o povo sozinho eu acredito que não, porque infelizmente o povo só... É difícil você chegar assim na comunidade, como lá em, por exemplo, almas e dizer: gente vai aqui, fazer isso por causa disso e daquilo talvez você consiga uma ou duas pessoas ir contigo, mas a maioria não vai então quando o seu pastor seu padre, quando seu líder religioso de qualquer religião chama os fiéis chama o seu povo... O povo geralmente corresponde e vai por mais que nem todos fossem, mas a maioria iria por mais que fosse até a minoria já valeria a pena. Então eu acho que a influência dos padres... Sem eles assim... Para as ruas a gente não iria sozinho.¹²⁶

O leigo engajado, como no caso de Lucivan, adquire a percepção sobre a importância do apoio dos líderes (padres) da igreja. Certamente o líder religioso não é a única chave que abriria as portas, para despertar uma consciência popular ou que movimentasse para uma ação do povo frente a uma realidade de injustiça social. O que segundo ele quer afirmar é que nas Igrejas às vezes acontece isso, sem a presença e o apoio do líder, do padre, o fiel pode se sentir desamparado e deixar de lutar pelo social. É claro que esse pensamento não se aplica de modo geral, uma vez que o fiel tem a mesma capacidade de levar avante uma luta pelo social, daquilo que ele ou o seu grupo acredita, sem necessariamente precisar do apoio do líder

¹²⁵ LOWY, Michael, **Marxismo e Teologia da Libertação**. 1991 /pp. 120. Editora: Cortez. Disponível em: <http://www.skoob.com.br/livro/pdf/marxismo-e-teologia-da-libertacao/1:190816/>. Acesso em: 20/04/14.

¹²⁶ Lucivan Lopes, entrevista concedida em 30 de setembro de 2014.

religioso. No entanto, o destaque que damos a importância do líder, no nosso caso do padre, junto ao povo é viável, pois ele dará um suporte ao fiel apoiando o movimento social.

Nessa perspectiva lembremos aqui algumas figuras importantes, como Dom Helder Câmara, no nordeste do Brasil, e Dom Paulo Evaristo Arns no sudeste. Que como lideranças religiosas buscaram romper de certa algumas amarras institucionais da Igreja Católica e prestaram um serviço social profundo por onde passaram. É o que Iraneidson Costa vem reafirmar sobre tal importância, ao falar da presença da igreja na sociedade, aponta para o papel do líder, enquanto aquele que deve ter em si um espírito profético, pois,

Numa clara advertência àqueles setores pequenos a deslocar a Igreja Católica para seu cômodo papel de mediadora: ‘A Igreja deve guardar os dois pés bem enraizados no setor popular. O contato com as autoridades pode enfraquecer o papel profético. Por isso, sempre deve estar subordinado ao processo popular.’¹²⁷

Nesse sentido, o autor explica que a população leiga precisa do apoio da Igreja em suas ações e reações, para que um e outro, Igreja e povo, sejam completados por um propósito comum. Pois, maculados por uma ideologia dominante, Igreja e povo, podem deixar de exigir a necessidade de uma “consciência popular lúcida acerca da realidade”.¹²⁸

Löwy declara que, “as ações da militância religiosa anticapitalista, suas convicções contrárias à hegemonia excludente do capitalismo, bem como, todo um trabalho de instrução e formação de base contra as injustiças e desigualdades sociais”¹²⁹ – Serviu como força de resistência contra as forças do capitalismo absoluto no novo mundo. Vale ressaltar, que apenas uma menor parte desses setores da igreja pôde atuar desse modo, limitando uma maior abrangência no continente latino-americano, historicamente marcado pela desigualdade e exploração social.

A Igreja Católica no Brasil, através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), incentivou e impulsionou o CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano). Este conselho reuniu os bispos do continente, e que recepcionou o Concílio Vaticano II com um forte documento, fruto da Assembleia Geral realizada em 1968 na cidade colombiana de Medellín, no qual asseverava que,

¹²⁷ COSTA, Iraneidson Santos, **A eficácia de uma presença libertadora: A trajetória do padre Claudio Perani** (1932-2008), 2011, p. 51.

¹²⁸ COSTA, 2011, p. 52 apud PERANI, **Comunidades Eclesiais de base: alguns questionamentos**. p. 46.

¹²⁹ LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: Religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes-Clacso, 2000, p. 08. Disponível em: <http://www.orelhadelivro.com.br/livros/565616/a-guerra-dos-deuses/>. Acesso em: 03/07/14.

A Igreja latino-americana situou no centro da sua atenção, o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Assim, muitos bispos defendiam que a Igreja não podia desviar-se dos problemas dos homens e mulheres, mas voltar-se para eles, a fim de torna-los conscientes de que para conhecer Deus é necessário conhecer o 'homem'.¹³⁰

A CNBB formou fileira com esses postulados, para muitos, considerados como revolucionários, e programaram aquilo que seria denominado comunidades eclesiais de base (CEBs). Padre Luiz Rodrigues, fala sobre esse momento de suma importância para igreja, de nascimento de novos paradigmas, pois,

[...] por todos os rincões desse imenso país, iluminada pela Teologia da Libertação ainda em fase embrionária, onde houvesse atividade da Igreja Católica outra coisa não se falava senão em comunidades eclesiais de base, em Conceição do Coité, surgiram e floresceram os inúmeros serviços do apostolado leigo e que, graças ao entusiasmo do Pe. José Antônio dos Reis começou-se um processo de renovação das estruturas evangelizadoras da paróquia, embora com o viés muito semelhante àquilo a que chamaríamos de ideologia de direita. Embora o discurso fosse renovador a prática era profundamente conservadora porque era atrelada ao mando político da cidade.¹³¹

A Igreja Católica em Conceição do Coité carrega em seu histórico, essa dificuldade de se inserir, do ponto de vista político-social numa participação maior junto à sociedade. As relações entre Igreja e sociedade ainda não estão bem esclarecidas na cabeça de alguns fiéis leigos que, por concepções divergentes e interesses incomuns concebem de modo estereotipado essa participação política da Igreja. Numa sociedade ainda marcada pelo fanatismo partidário, fez com que surgissem entraves no desenvolvimento desta relação da igreja com a sociedade, e isso não tem ajudado na compreensão do povo para o verdadeiro sentido da política na sociedade.

Mas, esse entendimento começa a se firmar nas bases da sociedade coiteense, se por um lado, algumas pessoas tem se mostrado contrárias e descontentes com esse envolvimento da Igreja com a questão política; por outro, existem aqueles que defendem esse ideal, entendendo como uma causa necessária para a verdadeira prática do evangelho.

2.3 – Novos Carismas na Igreja Católica de Coité.

¹³⁰ II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano **CONCLUSÕES DE MEDELIN** 1968 6ª Edição Edições Paulinas. Disponível em: <http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/03/Medellin-II-CELAM-1968-POR.pdf> acesso em: 13/02/2015.

¹³¹ Luiz Rodrigues Oliveira, entrevista concedida em 22/08/2014.

Para além de outras questões, o que tem se desenvolvido ultimamente na Igreja Católica foi uma preferência pelo lado espiritualista, uma espécie de tendência neopentecostal dentro do catolicismo moderno, devido ao aparecimento de novos carismas dentro da Igreja. A RCC (Renovação Carismática Católica) se aplica a este contexto. O movimento RCC surgiu no cenário religioso católico a partir do início século (XXI) propondo uma nova dimensão no processo de evangelização dos povos, voltando-se mais para questões do espírito, em outras palavras volta-se mais para as “coisas do alto”.

Atualmente os movimentos da RCC compõe um grupo de comunidades cristãs, que se diversificaram também no seio da Igreja Católica, como; Grupos de Oração, Opus Dei, Comunidade Shalom, Rádio e TV Canção Nova, etc. A partir do século XXI estes movimentos têm crescido assustadoramente nas últimas décadas, foram aos poucos sendo apoiado nos pontificados dos Papas João Paulo II e Bento XVI. Em contrapartidas as CEB's aparecem nas análises de Lowy como um dos poucos setores católicos que ainda resistem a influencia das forças conservadoras da Igreja Católica do Brasil. Embora afirme que essa capacidade de resistência, tem diminuído cada vez mais.

Michael Löwy apresenta categoricamente este problema com outro viés de leitura do processo. Descreve que as ações de boa parte da militância religiosa anticapitalista, vindas das bases da Igreja, ficaram acanhadas pelo surgimento de uma Igreja agora muito mais ligada ao fator carismático renovado, com a midiática da religião Católica no século XXI. Suas convicções agora não são mais contrárias à lógica capitalista, bem como, todo seu trabalho de instrução e formação de base contra as injustiças e desigualdades sociais, ganham uma ideia mais de cura interior individual, do que a uma luta pela reparação das mazelas sociais. Com um ambiente de formação nos seminários, cada vez mais voltado para formação de padres da autoajuda, do que voltado para o coletivo social – “A formação dos bispos de hoje não é nessa linha [...], a linha dos bispos atuais não é uma linha socialista”.¹³²

Esta formação alcançou o cume de um catolicismo muito mais midiático do que socializante, entre bispos, padres e leigos, mas, isso fez com que ocorressem constantes debates em torno dessa questão. A desesperada busca para cativação das massas, devido rápido crescimento do protestantismo na América Latina, obrigou a Igreja Católica a mudar seu foco de atuação sobre as massas. Mas, a mudança de rumos entre grupos antagônicos na Igreja Católica definiu seu campo de atuação, onde cada setor assume seu posicionamento

¹³²Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

frente às questões de ordem econômico, cultural, político e social, que apesar de haver divisões, não significa um rompimento total entre estes setores, mais especificamente, entre conservadores e progressistas, radicais ou moderados.

Sobre esta inconcebível homogeneidade na Igreja, Zachariadhes trata da resistência de setores da Igreja Católica durante o regime militar na Bahia (1967/69) fazendo um alerta sobre o cuidado que se deve ter com a generalização da Igreja Católica como uma instituição homogênea. Dessa maneira a Igreja se torna uma “‘unidade plural’, ou seja, sob o manto chamado Igreja Católica escondem-se formas de perceber o mundo e de atuação sobre ele totalmente diferentes e muitas vezes opostas”.¹³³

O que acontece são divergências de pensamento, de interpretação do evangelho, do aspecto doutrinário, missionário e do processo de evangelização. No plano social, grupos carismáticos atuam de modo a desviar-se do aspecto sócio-político mais radical sobre a sociedade, onde a vivência do Evangelho, não está voltada para crítica das estruturas capitalistas. Preocupam-se com a alma do homem, e não do homem pelo homem.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, a Igreja Católica brasileira, por intermédio de seu bispo mais influente, D. Leme, quis revitalizar a sua presença na sociedade criando os movimentos leigos de Ação Católica [...] A Igreja se abria para a sociedade, mas essa abertura carregava dentro de si uma visão conservadora, como bem definiu D. Vicente Sherer: “A Ação Católica é um movimento para a promoção de apóstolos e para cristianizar as almas – Levar as almas a Deus e Deus às almas. Para isso não é preciso agir sobre as estruturas”.¹³⁴

Nesse sentido não há como se pensar em mudanças radicais, paradigmáticas no poder institucional Igreja. No entanto, podemos perceber que esta Igreja ao reconhecer nos seus fiéis a sua pluralidade e diversidade, começa a pensar novos caminhos que levam para a transformação das estruturas sociais. Embora não de modo geral, mas específico, a Igreja Católica no Brasil, tem desempenhado atitudes concretas que geram transformação social, à medida que cria condições favoráveis e apoia projetos de inserção do pobre nos meios sociais. Para Lowy apenas uma pequena minoria de setores heterogêneos na Igreja ainda concebem a prática social e a opção efetiva pelos pobres como parte integrante e primordial na tarefa de

¹³³ ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. **Cruz Versus Espada: CEAS – A resistência de setores da Igreja Católica durante o Regime Militar na Bahia (1967-79)**. Projeto de pesquisa apresentado ao Mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH). Janeiro/2005, p. 08.

¹³⁴ Idem, p. 03.

evangelizar. A “Igreja dos pobres”, assim apresentada pelo autor, é participativa, social, cultural e política. Mas, sua atuação nunca foi um consenso na Igreja Católica tradicional.

A incidência desses setores conservadores e progressistas da Igreja ganharam adeptos na Igreja de Coité. Se por um lado ação de padre Elias pelo lado social, estimulou várias pessoas a se manterem resistentes, contra um modelo de catolicismo que não desenvolvesse ações concretas. Por outro, a visão carismática que prega uma libertação espiritual do indivíduo, começou a ganhar espaço, principalmente pela real necessidade da Igreja local poder manter crescente seu número de fieis.

Na Revista Arquidioces’ana de Feira de Santana, foi publicado um ensaio falando sobre essa *atuação social da Igreja no Brasil*, fazendo uma reflexão sobre seu comprometimento prático com as causas sociais. Tal pronunciamento é de suma importância para percebermos a influencia dessas ideias da Igreja Católica do Brasil, chegam a Arquidiocese de Freira, provando o comprometimento do bispo da Diocese com essa questão. A paróquia de Coité mostrou-se interessada e atenta para com as questões sociais, para essa nova postura que Igreja tem assimilado no seu interior. Levando em consideração as divergências entre um clero dividido, e entre fieis leigos, que se colocam em oposição quando o assunto se trata da participação política e social da Igreja. O padre João Eudes explica como essa ação social da Igreja do Brasil tem se refletido na Arquidiocese de Feira de Santana.

Nossa Arquidiocese tem uma longa história de compromisso com a causa social e política não só por meio das suas pastorais e organismos, mas também pelo exercício de sua missão profética denunciando injustiças, cobrando responsabilidades das autoridades constituídas para os problemas sociais, colocando-se ao lado dos pobres e marginalizados, na defesa da vida e da dignidade da pessoa humana.¹³⁵

A *Revista Arquidioces’ana Igreja, Vida e Missão* de Feira de Santana, enfatiza que essa postura política da Igreja Católica no Brasil, de comprometimento com o social, foi o motor que empurrou muitas comunidades cristãs para a ação social. No entanto deve se lembrar de que essa posição da igreja nasceu a partir de iniciativas de comunidades leigas e dos movimentos sociais quem primeiro empurram a Igreja para esse lado social. o processo acontece de baixo para cima, e não o contrário, entendendo esse agir como a melhor maneira de se colocar em prática a dimensão social da fé.

¹³⁵ Revista Arquidioces’ana, “**Igreja, Vida e Missão**” – Ano I – nº 02 – Dezembro 2011, Publicação da Arquidiocese de Feira de Santana, p. 35.

A problemática social torna-se o objeto de reflexão da Igreja, para que na prática, possa aparecer como característica essencial de sua missão no mundo. Apesar de a Igreja querer mostrar que as ações e serviço, de caráter assistencialista e emergencial, de promoção humana, de organização e de mobilização social, seja uma característica que engloba a Igreja como um todo, percebe-se que essa unidade ela é inexistente, pois, a religião como sistema de legitimação de novas classes, faz surgir dela novos movimentos, que tende a ir de encontro uns com os outros.

No entanto quando se trata de poder eclesiástico o conflito se torna mais intenso, porque os grandes entraves e divergências entre seus membros (bispos, padres, freiras e leigos) provocam uma série de contestações, criando ideologias contrárias e dogmáticas, que acabam impedindo que muitos líderes religiosos tenham força para continuar defendendo a causa da justiça social e da opção pelos pobres dentro de sua práxis evangelizadora. Isso porque essas correntes sociais puderam influenciar de alguma maneira a estas pessoas. E na coletividade das ações acreditam que são capazes de transformar a realidade em que vivem.

Entretanto, a adesão à causa da justiça social e o segmento da Teologia da Libertação entre setores católicos acabou trazendo muitas inquietações para a cúria romana. Eles tendem a manter a linha conservadora da Igreja, e impedem sobremaneira a disseminação de qualquer movimento de caráter revolucionário sobre ela mesma. Embora os teólogos da libertação nunca tenham proposto fundar outra Igreja, seus ideais soaram como uma ameaça à instituição católica. Em outras palavras, o envolvimento político de setores da Igreja tem provocado divergências não só no próprio clero católico, como também entre fiéis. Mas, o clero não se dilui em sua hierarquia pelas divergências, se divide em sua visão de evangelização sobre o mundo.

Assim, podemos dizer que, uma vez munida de todo um aparato religioso hierarquizado, dotado de um forte poderio eclesiástico, a Igreja, no seu fundamentalismo institucional e religioso, acaba não aceitando essa posição política por parte de seus membros. Sobre tal postura da Igreja, padre Elias confirma que em sua condição de poder, e temendo uma decadência desse sistema, a Igreja atua de modo a combater tais manifestações.

[...] o que aconteceu com Leonardo Boff, o que aconteceu com a teologia da libertação, acontece com qual quer um que entre nessa “política do bem comum”, acontece com qual quer um, por que a Igreja não aceita, a Igreja, não aceita que ela, que alguns membros dela sejam desse jeito.¹³⁶

¹³⁶ Entrevista concedida por Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

Esse conservadorismo por parte de membros católicos é visto pelo padre Elias como um dos ‘pontos negativo da Igreja’, pois se torna um verdadeiro impasse para uma maior atuação dos setores progressistas, se distanciando do contexto das comunidades, pastorais e movimentos populares. Tal pensamento desenvolvido pelo padre reflete ao modo que alguns estudiosos concebem a forma de ação da Igreja Católica. Argumentam que para que a Igreja tome uma atitude coerente com seu discurso evangélico, é preciso que esteja “comprometido com as classes populares, o que implica uma ruptura com os interesses e privilégios das classes dominantes”.¹³⁷

Lucivan Lopes, funcionário da paróquia relembra as histórias que padre Elias contava na época de seminário, dentro do contexto da ditadura militar. Segundo ele, nas décadas de 60 e 70, o padre Elias relatava como era difícil lidar dentro da Igreja, ao assumir essa postura contrária ao sistema.

Oh... Escritos aqui a gente não tem nada, eu tenho alguns fatos que o próprio Elias passou pra gente né... E um dos que é curioso né... O padre Elias estudou quando jovem, antes de ir para Recife, ele foi para o seminário em São Paulo, e foi esse período da ditadura e tal, interessante que ele disse que quando os outros iam dormir eles pulavam a janela pra ir pra rua para lutar pelos seus direitos... Só que os reitores não podiam nem sonhar nisso, porque senão iam colocar eles pra fora né. [risos] e ele fala que, além disso, além de ir pra rua, as vezes até iam para uma festinha faziam a mesma coisa. E ele disse que uma vez estava na rua com os colegas reivindicando... E eles foram perseguidos pela polícia, eles tiveram que sair correndo a polícia atrás deles até que eles conseguiram se salvar né. Por que... Se a polícia pegasse eles ninguém sabe o acontecia né... Além da tortura, podiam até matá-los...
¹³⁸

O pronunciamento de Lucivan é pertinente, dentro dessa relação política e da participação social das pessoas. Para ele, assim como no tempo da ditadura militar, que setores da Igreja, como, (ACB – Ação Católica Brasileira; e alguns bispos - CNBB) foram contra o regime, ainda hoje, “[...] as pessoas que buscam atuar na Igreja de maneira mais independente e revolucionária, continuarão sendo criticadas por suas ações, serão perseguidas, por não tomarem o evangelho apenas como anúncio, mas como denúncia das injustiças”.¹³⁹

¹³⁷ BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 1981, p. 23

¹³⁸ Entrevista concedida por Lucivan Lopes em 30 de setembro de 2014.

¹³⁹ Entrevista concedida por Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

Constatamos então que mesmo diante das dificuldades encontradas, muitos membros reconhece nas ações pastorais, uma força de transformação, na maneira de interpretar a vida comunitária por meio da Palavra do Evangelho. Como padre Elias vem sustentando que a Igreja voltada para o bem em comum da sociedade, “não pode deixar de lado a política, esta jamais pode está isolada, de fora”.¹⁴⁰ E nunca estarão, pois os sujeitos históricos irão exercer um poder sobre seu agir no campo social, que compete aos seus próprios interesses.

A efetiva participação das pessoas na vida de uma determinada comunidade mesmo que religiosa não deixa de ser um ato social, que exige uma ação não só nas Igrejas, mas, na escola, no trabalho, nos ambientes comunitários. Esta ação é uma ação política! Embora o crescente descrédito com o meio político-partidário, a população vive desestimulada a entrar nessa luta social. Não há de modo constante, um esclarecimento qualitativo sobre esse envolvimento político da Igreja, tampouco da compreensão da maioria dos fieis:

Tem muita gente aí que ‘torce o nariz’ quando a Igreja exercita seu profetismo, denunciando as injustiças, ou quando entra na luta pela defesa dos direitos humanos, na defesa e proteção dos excluídos, marginalizados, ou mesmo quando encampa alguma campanha de conscientização política ou de reivindicações de direitos ou de políticas públicas.¹⁴¹

É interessante também perceber que, as estruturas opressoras nas quais fazem parte de um sistema capitalista politicamente voltado para o mundo burguês, também não estão tão distantes assim do poder religioso, eclesiástico, tradicionalista e conservador. Embora se tenha generalizado dizendo que a Igreja Católica no Brasil através da CNBB venha desempenhando atitudes que gerem uma possível transformação social nota que apenas parte dela realmente tem se preocupado com essa questão, entendendo-a como parte integrante na tarefa da evangelização a partir da dimensão social.

Segundo o padre João Eudes essa participação social e política dos fieis leigos tem não sido uma constante na atuação da Igreja no Brasil. Ele vem mostrando como essa ação social é, “por vezes, mal entendida por muitas pessoas, seja por ignorância ou por pura conveniência”¹⁴² ou por considerarem que o papel da Igreja seja apenas o de cuidar das coisas espirituais, que sua prática social não deve ir além de um caráter assistencialista. Para padre Elias isto é bem claro na frase célebre de Dom Helder na década de 60, no tempo da

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ Revista Arquidioces’ana, “**Igreja, Vida e Missão**” – Ano I – nº 02 – Dezembro 2011, Publicação da Arquidiocese de Feira de Santana, p. 34.

¹⁴² Idem.

revolução: “se eu pedir dinheiro para ajudar um pobre, eu sou caridoso; Mas, se eu disser a aquele povo, aquele pobre vamos nos unir e lutar pelos seus direitos, eu sou comunista”. Há neste aspecto, um ato punitivo da conduta do indivíduo, como nos orienta Foucault,

[...] trata-se ao mesmo tempo de tomar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora.
143

Portanto, a grande questão de buscar compreender o comportamento político-religioso em coité está nas ações dos próprios sujeitos que, movidos por interesses individuais ou coletivos interferem na vida da comunidade, contribuindo ou não para uma maior participação social. Pensar a participação dos sujeitos na história, não mais como meros sujeitos passivos, mas sim como agente transformador da realidade é sem dúvida pensar o seu protagonismo, e não de um sistema elitista e capitalista que sem dúvidas não está distante das realidades religiosas.

Nesse sentido o uso da oralidade como fonte história pelo historiador tem dado maior visibilidade ao sujeito transformador, como argumenta Thompson: “fazer com que as pessoas confiassem nas próprias lembranças e interpretações do passado, em sua capacidade de colaborar para escrever a história - e confiar também em suas próprias palavras: em suma, em si mesmos”.¹⁴⁴

É importante destacar que a ala progressista da Igreja, tem buscado acompanhar as mudanças no tempo, como também se dedicado estão mais voltados para o universo da questão social. Essas pessoas, leigos engajados, lideranças de comunidades, padres e freiras atribuem o sentido da religião não como algo apenas divino, “separado do mundo”, mas sim ao contrário voltados para as coisas terrenas. Por isso, se percebe que seu método e sua ação evangelizadora se apoiam num discurso cada vez mais próximo do homem enquanto um ser político e social.

2.4 – Pe. Elias: na fé e na política

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 159.

¹⁴⁴ THOMPSON, Paul (1935-). **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 388 p.; 21 cm, p. 41.

Para Coutrot as forças religiosas fazem parte do tecido que lida também com o político. Elas são levadas em consideração como fator de explicação das relações políticas, relativamente baseadas nos fatores que implicam tanto o social, quanto o econômico. Assim, a igreja, mesmo colocando em vista o aspecto religioso, que concerne ao sagrado, chocar-se-á com o social, implicando numa simbiótica relação entre as coisas relativas à fé e o político.

Segundo padre Elias essa “mistura” entre a fé e a política acontecerá sempre na Igreja porque, ao orientar a participação do povo no social, inevitavelmente a Igreja passará a tomar um “partido”, a definir-se enquanto oposição ou situação.¹⁴⁵ Isso acaba ocorrendo na Igreja, porque como instituição, ela não será mais exclusivamente de caráter religioso (espiritual). Sobre essa relação entre as concepções estabelecidas pela igreja entre fé + política, o documento da Doutrina Social da Igreja assevera: “o espírito que dá o discernimento da fé, é o mesmo, quando o objeto desse discernimento é uma ação social ou política”.¹⁴⁶

As diversas teses que tratam dessa questão religiosa procuram estabelecer relações de poder entre o contexto da política e da religião. Ainda que proclamem um discurso voltado apenas para concepções espirituais, as Igrejas são corpos sociais, e enquanto tais são dotados de organizações, e possuem traços em comum com a sociedade política. Portanto, para aqueles que defendem uma postura mais politizada das igrejas cristãs, de seus agentes, seus líderes e seguidores, entendem que a Igreja não deve se limitar aos ensinamentos do sagrado, mas ser sinal visível da transformação do homem aqui na terra.

Hoje, mais do que nunca, somos chamados ao serviço do homem como tal, não somente dos católicos. A defender, sobretudo e em toda parte, os direitos da pessoa humana. As condições atuais, as investigações, levaram-nos a realidades novas. Não é que o Evangelho tenha mudado; somos nós que começamos a compreendê-lo melhor (Papa João XXIII).¹⁴⁷

No entanto, mesmo levando em consideração o discurso do papa João XXIII citado acima, continua permanente na igreja uma visão fundamentalista sobre a divindade e a sacralidade, ligando a sua atuação apenas com as ‘coisas do céu’. Este excesso dogmático acaba fugindo do discurso sobre ‘as coisas terrenas’ voltadas para o ser humano, que é

¹⁴⁵ Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

¹⁴⁶ ANTONCICH, Ricardo e SANS, José Miguel Munarriz, **Ensino Social da Igreja**, Tradução de Jaime Clasen, Vozes – Petrópolis, 1986, p. 40.

¹⁴⁷ Caderno de Formação Política, **Fé e Política, Reflexões sobre as eleições municipais que se aproximam** – Publicação do Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB – Núcleo de Estudos Sociopolíticos – NESP Arquidiocese de Belo Horizonte, CNBB, 2008. 28p. Disponível em: www.cnl.org.br/ acesso em: 10 de janeiro de 2014.

passivo de reparações, de correções. Mas, este discurso não condiz com a realidade vigente na história da Igreja, pois, a igreja enquanto corpo social não consegue fugir desse envolvimento sobre as questões sócio-políticas. E este envolvimento tem se dado de maneira conflituosa. Quando se toma o partidarismo como princípio político, ou o radicalismo religioso, perde-se de vista o sentido maior desse combate político, nascido das lutas sociais, por um bem comum. Ao perder de vista o sentido real do que venha a ser o exercício político, que repetidas vezes aparece no discurso de padre Elias. Para Elias esse exercício político deve ser pautado na luta contra tudo que oprime ser humano excluindo-o da sociedade, por isso traz esse entendimento para o lado religioso afirmando que, “o cristão deve trabalhar e manter o apoio às lutas quando há uma monopolização tanto do poder político, dos meios de comunicação social, e até mesmo religioso”.¹⁴⁸

Com isto, ele acaba criando um entrelaçamento entre a Igreja e os movimentos sociais, no intuito de unir as forças em prol de um objetivo comum. Porém, se padre Elias talvez quisesse levar a igreja para uma maior participação popular como um todo, junto às questões relativas às políticas públicas, seu objetivo comum nunca se concretizou, pois o seu apoio aos setores que faziam oposição ao poder público local na época, ajudou a criar um clima de opção ‘partidária’, que dividia a igreja de Coité, entre cristãos comprometidos com os movimentos sociais, e cristãos comprometidos com frequência assídua nas missas e celebrações da Palavra.

Aqueles comprometidos a movimentação social na igreja de Coité, admitiam que “Pe. Elias sempre teve um papel fundamental no meio social desde a época de juventude Pe. Elias lutou contra a ditadura militar... padre Elias iniciou fez com que partidos pequenos crescessem”¹⁴⁹ – Dessa forma, sua afeição pelo Partido dos Trabalhadores, mesmo que no exercício de seu ministério sacerdotal procurasse evitar, ela acabou se mostrando devido seu claro apoio ao padre Luiz e a sua participação nos movimentos sociais e muitas vezes de oposição política.

[...] a Igreja no período em que padre Elias esteve nunca defendeu bandeira de ninguém, em termo de apresentar no culto, o meu partido é esse, meu candidato é esse, mas todo mundo sabia que tinha seu escolhido, sua escolhida, o desejo do padre Elias. Eu nunca me esqueço dos debates políticos promovidos pela paróquia em que era convidado todo mundo, dos partidos que tinham representação aqui no município, e dentro desse contexto iam, senão um.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Entrevista concedida pelo Pe. Elias em 27 de maio de 2013.

¹⁴⁹ Entrevista concedida por Lucivan Lopes em 30 de setembro de 2014.

¹⁵⁰ Entrevista concedida por Antônio Marcos Carvalho de Pinho em 09 de outubro de 2014.

Sendo assim, esta postura crítica e de mudança assumida por estes padres, sem dúvida trouxe para o meio do povo católico coiteense, muitas inquietações, que certamente geraram *encantos e desencantos* dentro da Igreja. A figura do padre que antes era vista pela maioria dos fieis como um “homem do sagrado”, imbuído apenas de cuidar das “coisas do alto”, é agora reconstruída por uma nova figura humanitária, crítica e, sobretudo política, dentro do catolicismo coiteense.¹⁵¹ Dessa forma, analisando os aspectos que se assemelham entre estes padres, tanto de seus desempenhos na paróquia, quanto dos lugares por onde passaram, pode-se dizer que são homens, cuja trajetória de formação sacerdotal e atividade pastoral, estão mais voltadas para a condição do ser humano na terra, e que veem na participação social da Igreja a verdadeira prática do evangelho.

Portanto, percebe-se claramente que, padre Elias ao promover eventos de cunho sócio-político na paróquia, pretendia despertar interesse de seu público para a valorização dos espaços de participação e engajamento popular na política. Pois na sua visão a igreja precisa ocupar o espaço da política, dos movimentos sociais, dos sindicatos, das associações de bairros, e porque não, dos partidos políticos. Todos esses, sem exceção, são instrumentos de coletivização e inserção social. Por isso a prática da fé exige um trabalho constante para o melhoramento das relações humanas numa sociedade, a fim de vencer as mazelas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Padre Elias que atuou de modo singular na paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité entre os anos de 2001 a 2009. Esta atuação de padre Elias no meio político e social mostra que a Igreja tem se colocado de uma maneira bem diversa sobre essa complexa relação entre religião e política. O que comprova sua pluralidade advinda de seus diversos setores.

Em Conceição do Coité essa heterogeneidade foi percebida quando se confronta a relação da igreja com a política. Dessa forma, ficou claro que a atuação de padres Elias perpassa por este aspecto peculiar, que como vimos não se aplica apenas a sua vida sacerdotal, mas, que abrange toda sua trajetória, pois tem se mantido apegado às coisas do sertão, seu lugar de origem. O teor biográfico enfatizado nesta pesquisa levou ao conhecimento sobre o clérigo, o que permitiu uma análise mais profunda sobre sua

¹⁵¹ Cf. MIRANDA, Cristain Barreto. **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Coité. Pp. 77.

participação política, que até hoje é percebida por onde passa. Como fio condutor possibilitou compreender uma das facetas da organização social e religiosa da Igreja Católica em Coité.

As discussões foram desenvolvidas a partir da trajetória de Pe. Elias que tendo vivenciado um período importante na sua formação sacerdotal, em Recife-PE, quando entrou para a congregação dos salesianos, pode atuar no meio social, como professor dando aula para pessoas pobres e analfabetas, como cortadores de cana, em pleno período militar. Desse modo, analisando sua atuação juntos a estes grupos se percebeu que padre Elias tinha uma afinidade pelo lado social, por isso trilhou um caminho dentro da Igreja mais próximos do povo.

Enfim, o trabalho que padre Elias desenvolveu em Conceição do Coité, foi capaz de dar continuidade a um movimento de conscientização e formação cristã já iniciada na paróquia, pelo então padre Luiz Rodrigues. Nesse sentido, padre Elias torna-se peça fundamental nas análises sobre a presença política da Igreja Católica em Coité, pois elas mostram que ao investir na participação das pessoas no meio político e social, a comunidade local foi capaz de promover ações pautadas numa evangelização libertadora.

Portanto, fica evidente a importância da inserção de setores católicos com visão progressista nos meios sócio-políticos. A atuação de lideranças religiosas, como padre Elias, mostra a permanência desses setores dentro da Igreja Católica no Brasil. Sendo assim, conclui-se que, apesar de sentirem as dificuldades geradas por uma Igreja cada vez mais midiática e clerical, mais espiritualista, do que social, ainda existe dentro da Igreja Católica grupos que de acordo com a cultura local e com seu jeito de viver continuam atuando de modo descentralizador dentro do próprio catolicismo.

FONTES:

1. Fontes Orais

Antônio Marcos Carvalho de Pinho *entrevista concedida em 09/10/2014 (35min 27seg).*

Adalberto Pinto Gordiano (Betão) *entrevista concedida em 20/09/2015 (10min 55seg).*

Joilson *entrevista concedida em 20/03/2015 (57 min 14seg.)*

Josefa Pinho de Oliveira *entrevista concedida em 03/05/2013 (14min 43seg).*

Pe. Antônio Elias de Souza Cedraz; *entrevista concedida em 27/05/2013 (01h 35min 55seg).*

Pe.Luiz Rodrigues Oliveira; *entrevista concedida em 22/08/2014 (53min 39seg).*

Lucivam Lopes *entrevista concedida em 30/09/2014 (01h 02min 13seg).*

Nilson Carneiro *entrevista concedida em 16/12/2014 (45min 24seg).*

2. Fontes escritas

Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité. Pp.

3. Fontes impressas

Jornal “*O Mensageiro*” da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité – BA.

Edições: 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008.

Revista Arquidiocesana *Igreja, Vida e Missão* da Arquidiocese de Feira de Santana – BA.

4. Fontes audiovisuais

Fitas de vídeo (VHS) e DVDs sobre a *Semana da Cidadania e o Grito dos Excluídos* realizados na Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité entre (2001 – 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3. Ed. – Rio de Janeiro: editora FGV, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Manual_de_hist%C3%B3ria_oral. Acesso em: 12/10/2013.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, /coordenadoras. **Usos & abusos da história oral**. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, (Cap. 13) In: Bourdieu, Pierre. *L'illusion biographique*. Actes de La. Recherche en Sciences Sociales (62/63): 69-72, juin 1986.

_____. Ver Apresentação. In. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ANTONCICH, Ricardo e SANS, Miguel Munarriz. **Ensino Social da Igreja**. Tradução de Jaime Clasen. Vozes – Petrópolis, 1986, p. 40.

AZEVEDO, Dermi, **A Igreja Católica e seu papel político no Brasil**. Estudos Avançados. On-line version – São Paulo Sept./Dec. 2004, p. 01. DOSSIÊ RELIGIÕES NO BRASIL. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a09v1852.pdf> Acesso em: 29/11/2013.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Abril Cultural, 1985. Disponível em: www.estef.edu.br. Acesso em 26 de janeiro de 2015.

BOFF, Leonardo, **Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo**. Petrópolis, Vozes, 1986. 240p. (Teologia, 2).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**/ Introdução, organização e seleção Sergio Miceli – São Paulo: Perspectiva, 2007. – (Coleção estudos; 20/ dirigida por J. Guinsburg).

CADERNO DE FORMAÇÃO POLÍTICA, **Fé e Política, Reflexões sobre as eleições municipais que se aproximam** – Publicação do Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB – Núcleo de Estudos Sociopolíticos – NESP Arquidiocese de Belo Horizonte, CNBB, 2008. 28p. Disponível em: www.cnl.org.br/ acesso em: 10 de janeiro de 2014

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Luordes Menezes; * revisão técnica [de] Arno Vogel, - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990, p.17.

CNBB, documento da. **Exigências cristãs de uma ordem política**. XV Assembleia Geral da CNBB, Itaici – Paulinas, 8ª ed. 1977.

_____. **Exigências éticas da ordem demorática**. 27ª Assembleia Geral da CNBB, Itaici – 2ª Ed. Paulinas, SP, 1989.

_____. **Plano de emergência para A Igreja do Brasil**. Cadernos da CNBB, nº 1. São Paulo, 1963. Disponível em: www.cnbb.org.br/.../139-76-plano-de-emergencia-para-a-igreja-do-brasl-2004. Acesso em: 23/04/2013.

CONDINI, Martinho. **Dom Hélder Camara: um modelo de esperança**. 1. Ed. – São Paulo, 2008 (Coleção Comunidade e missão).

COSTA, Iraneidson Santos, **A eficácia de uma presença libertadora: A trajetória do padre Claudio Perani (1932-2008)**, 2011, p. 48.

COUTROT, Aline, **Religião e Política**, do livro (*Por uma história Política*) Org. René Remond, 2003.

FIORUCCI, Rodolfo. **História oral, memória, história**. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/952/587> Acesso em: 11/05/2013.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial de António Bento.1971.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIXO, Alessandra Alexandre. **Do sertão dos tocós ao território do sisal: rumo à invenção de uma região e uma vocação**. Doutora em Ciências Sociais pela UFRRJ, Revista Geografares, nº8, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1287> Acesso em 20/04/2014.

GINZBURG, Carlo, **O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução: Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas Jose Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUTIÉRREZ, Gustavo, **A força histórica dos pobres**. Tradução Álvaro Cunha 2ª Edição, Vozes-Petrópolis, 1984.

HOUTART, François. **Mercado e Religião**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

Igreja Católica, Arquidiocese de Belo Horizonte (MG) **Organizando grupos de fé e política** / elaborada e publicada pelo Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas e do Vicariato Episcopal para a Ação Social e Política da Arquidiocese de Belo Horizonte. Nesp, 2007. 62p.

LEÃO XIII Papa. **Encíclica Rerum Novarum**. *Sobre a condição dos operários*. Roma: 1891. 76p. Tradução: Manoel Alves da Silva, S. J. 15ª Edição – 2005. Paulinas.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses: Religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes-Clacso, 2000, p. 08. Disponível em: <http://www.orelhadelivro.com.br/livros/565616/a-guerra-dos-deuses/>. Acesso em: 03/07/14.

_____. **A verdadeira Igreja dos pobres**. Instituto HumanitasUnisinos. 2013, p. 04. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518926-a-verdadeira-igreja-dos-pobres-artigo-de-michael-loewy>. Acessado em 14 de janeiro de 2014.

_____. **Marxismo e Teologia da Libertação**. 1991 /pp. 120. Editora: Cortez. Disponível em: <http://www.skoob.com.br/livro/pdf/marxismo-e-teologia-da-libertacao/1:190816/>. Acesso em: 20/04/14.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MIRANDA, Cristian Barreto de. **Padroado no sertão negociação e conflito entre igreja e poder político em conceição do coité entre 1989 e 1996** – Monografia apresentada à UNEB-Campus XIV /Conceição do Coité Dezembro/2009, pp. 77.

_____. **Igreja, Relações de Poder e Conflito no Território do Sisal**. Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. (UFBA) Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, pp. 18.

NASCIMENTO, Joelton, Minidocumentário, **O que é a teologia da Libertação da série "ABC da Subversão"**, Texto: LOWY, Michael, **Marxismo e Teologia da Libertação** – São Paulo, Ed, Cortez, 1991, (pp. 25-28). Disponível em: www.youtube.com/watch?V=dgtbvfrmj1c, acesso em: 28/10/14

PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo e CATÃO, Francisco. **Conclusões da Conferencias de Medellín – 1968: Trinta anos depois, Medellín ainda é atual?** – São Paulo: Paulinas, 1998.

PASTOR, Antônio Sérgio, **Um caminheiro do sertão**. Perfis do semiárido: livro – reportagem/ Organizado por Nísia Rizzo de Azevedo. – Salvador: EDUNEB, 2010. P. 103. Documentário, “Um Caminheiro do Sertão” Um documentário da vida e trajetória de **Padre Elias Cedraz**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KgQ8UlpJrLw> acesso em: 03/06/2015.

PERANI, Claudio. **A Igreja no Nordeste: Breves Notas Histórico-criticas**, In: Cadernos do CEAS, nº 994 Salvador , 1984.

PIMENTA, Everton Fernando. **O ressurgimento do gênero biográfico na história: definição e questionamentos**. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) 2002, p. 06 apud BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Nossa Senhora da Conceição do Coité: Poder e Política no século XIX**. Dissertação de Mestrado em História Social, na Linha de Pesquisa “Estado, Poder e Região”, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Jun./2003.

SAMPAIO, Antônio Thiago Gordiano. **Construção do catolicismo em Conceição do Coité Da colonização ao primeiro centenário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Coité** – Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Licenciatura em História sob a orientação do professor Aldo José Moraes. Conceição do Coité, 2010.

SANTOS, Irinéia Maria Franco. **Lutas e Perspectivas da Teologia da Libertação: O caso da comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980-2000**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em história Social, do Departamento de História da faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2006.

SANTANA, Táfila Sinara dos Santos, **Atuação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e participação popular: Estudo das Experiências Vividas no Município de Retirolândia de 1974 a 1985**. Monografia apresentada na Uneb – Campus XIV – Conceição do Coité – BA, 2014, p. 43.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outras pátrias: anglicanos e batistas na Bahia. São Paulo, 1998**. Tese apresentada à USP. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/20486128/1823756331/name/Protestantismo-tese+elizete.pdf>. Acessado em 05 de agosto de 2013.

SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu reino não é deste mundo”** – A Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972 – 1990). Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11251>. Acessado em 03 de novembro de 2014.

SILVA, Margarete pereira da. **O bispo de Juazeiro e a ditadura militar**. In: Ditadura militar na Bahia : novos olhares, novos objetos, novos horizontes / Grimaldo Carneiro Zachariadhes (organizador) ; Alex de Souza Ivo... et al. - Salvador : EDUFBA, 2009. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/ufba_ditadura_militar_na_bahia_1.pdf. Acessado em: 13 de setembro de 2013.

SILVA, Marinélia Souza da. **Padre não deve se meter em política? Conflitos de política e religião em Riachão do Jacuípe/BA nas últimas décadas do século XX**. Dissertação apresentada à UFBA, Salvador, 2005. Disponível em: www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/10550/1/Dissertacao%20Marinelia%20Silvaseg.pdf. Acesso em: 06/02/2013.

SOUZA FILHO, George Evergton Sales. Entre o religioso e o político: uma história do círculo operário da Bahia. Salvador, 1997. Dissertação apresentada à UFBA. Disponível em: www.ppggh.ufba.br/IMG/pdf/1996SOUZA_George_Evergton_SalesEntre_o_Religioso_e_o_Politico.pdf. Acessado em: 16 de abril de 2013.

THOMPSON, Edward Paul (1935-). **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 388 p.; 21 cm, p. 41.

_____. **Folclore, antropologia e história social**. In: NEGRO, Luigi Antonio, SILVA, Sergio (Orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001, p. 191.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. **Cruz Versus Espada: CEAS – A resistência de setores da Igreja Católica durante o Regime Militar na Bahia (1967-79)**. Projeto de pesquisa apresentado ao Mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH). Janeiro/2005, p. 08.